

O Deus dos Pactos

A doutrina da Trindade

Prefácio de Elias dos Santos Medeiros



Misael Batista do Nascimento e Ivonete Silva Porto

O Deus dos Pactos

A doutrina da Trindade

Prefácio de Elias dos Santos Medeiros



Misael Batista do Nascimento e Ivonete Silva Porto

O Deus dos pactos: a doutrina da Trindade, de Misael Batista do Nascimento e Ivonete Silva Porto © 2023. Este conteúdo pode ser compartilhado — copiado e distribuído em qualquer suporte ou formato — e adaptado, nos termos da licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0, ou seja, você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Além disso, você não pode usar o material para fins comerciais e tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença que o original.

Cf. licença em: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR.

Edição, projeto gráfico, capa, ilustrações e conversão para e-Book

Misael Batista do Nascimento

Imagem de capa: Foto de asawin.

Disponível em: <https://pxhere.com/pt/photo/1575607>.

Livre de copyrights sob Creative Commons CC0.

Disponível para download em:

<https://www.ipbriopreto.org.br/courses/o-deus-dos-pactos/>

Dados para contato

Fone: 55-017-99717-1882 | E-mail: misaelbn@me.com

NASCIMENTO, Misael Batista do; PORTO, Ivonete Silva.

O Deus dos pactos: A doutrina da Trindade / Misael Batista do Nascimento e Ivonete Silva Porto. – São José do Rio Preto: IPB Rio Preto, 2023.

1. Religião
 2. Cristianismo
 3. Evangelho
 4. Teologia própria (a doutrina de Deus)
 5. Alianças
 6. Teologia do pacto
 7. Estudos bíblicos
- I. Título
-

Dedicado ao Deus Triúno, cuja glória constrange os serafins, e mesmo assim decidiu se relacionar conosco por meio de Jesus Cristo.

Sumário

Lista de abreviaturas	vii
Prefácio	9
Introdução	11

I. O Deus da Bíblia é diferente

1. O Deus da Bíblia	15
1.1. O Deus verdadeiro diante dos falsos deuses	15
1.2. O teísmo cristão	15
1.3. Por que precisamos conhecer a Deus	17
1.4. O engano e perigo das caricaturas de Deus	18
2. O Deus da Bíblia e o monismo	20
2.1. O abandono gradativo e prático do Deus da Bíblia	20
2.2. A primeira caricatura da Divindade: o monismo	21
2.3. O monismo é a matriz do materialismo	23
2.4. O monismo é a matriz do panteísmo	24
2.5. O monismo é a matriz do animismo	26
3. As inadequações do politeísmo e unitarismo	28
3.1. A segunda caricatura da Divindade: o politeísmo	28
3.2. A terceira caricatura da Divindade: o unitarismo	30

II. O Deus da Bíblia é Triúno

4. As ações e o ser de Deus	35
4.1. O Deus que age nos pactos	35
4.2. O ser de Deus: caráter e essência	36
5. As principais declarações trinitárias	39
5.1. Três fatos acerca da Trindade	39
5.2. Deus é Trindade na unidade	40
5.3. O Deus único subsiste em três pessoas distintas	40
5.4. As três pessoas da Trindade são iguais em glória, majestade e demais atributos divinos	41
6. As relações dentro da Trindade	45
6.1. O dinamismo da Trindade	46
6.2. O modelo relacional da Trindade: amor	47
7. O ensino da Trindade em alguns credos	50
7.1. Os credos são informação trinitária organizada	50
7.2. O <i>Credo Apostólico</i>	51
7.3. O <i>Credo Niceno</i>	52
7.4. O <i>Credo Atanasiano</i>	53

8. A Trindade no Antigo Testamento: o vocabulário bíblico	56
8.1. A acomodação e a revelação orgânica e progressiva sobre a Trindade	56
8.2. Vestígios da Trindade no Antigo Testamento	57
9. A Trindade no Antigo Testamento: as manifestações divinas	62
9.1. Manifestações de Deus nas teofanias	62
9.2. O Anjo do SENHOR	63
10. A Trindade no Antigo Testamento: as referências ao Messias	65
10.1. Os ungidos do Antigo Testamento e o Ungido do reino eterno	65
10.2. O Deus-Rei-Messias do salmo 45	66
10.3. O Homem-Rei-Deus de Isaías 9.6-7	67
10.4. O Rei-Messias da profecia de Miqueias	68
10.5. O Messias-Deus da profecia de Malaquias	69
11. A Trindade no Antigo Testamento: as ações criativas e providenciais do Espírito Santo	71
11.1. O Espírito Santo é criador	71
11.2. A divindade e personalidade do Espírito em Isaías 63.7-14	72
11.3. A profecia de Ezequiel 39.29	73
12. A Trindade no Novo Testamento: Jesus e o Espírito Santo são pessoas divinas	75
12.1. As afirmações trinitárias gerais do Novo Testamento	75
12.2. A divindade de Jesus Cristo no Novo Testamento	76
12.3. A divindade e personalidade do Espírito Santo	76
13. Para lembrar do Deus dos pactos	79
13.1. A Bíblia ensina sobre o Deus diferente	79
13.2. A Bíblia ensina sobre o Deus Triúno	79
13.3. Vale a pena estudar o Deus dos pactos	79
Referências bibliográficas	81

Lista de abreviaturas

Definições de termos e de abreviações.

- BCW *Breve Catecismo de Westminster.*
BEG² Bíblia de Estudo de Genebra. 2^a ed. revisada e ampliada, 2009.
BEHR Bíblia de Estudo Herança Reformada, 2018.
CFW *Confissão de Fé de Westminster.*
FL Bíblia Sagrada. Tradução de Frederico Lourenço.
NVI Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional.

Prefácio

JOÃO CALVINO INTRODUZ A DOCTRINA DA TRINDADE, no primeiro volume das *Institutas* ou *Tratado da religião cristã*, da seguinte maneira:

O que se ensina nas Escrituras sobre a essência infinita e incorpórea de Deus deve valer não só para dismantelar os desvarios populares, mas também para refutar as sutilezas da filosofia profana.¹

Calvino entendia que a doutrina da Trindade é fundamental na teologia e na apologética da religião cristã. Na realidade, esta doutrina diferencia o Cristianismo de todas as religiões e seitas. Ser cristão é ser trinitário. Isso não significa que crer na doutrina da Trindade salva. Bilhões de pessoas no mundo hoje professam crer nesta doutrina. Mas se perguntarmos o que a grande maioria dos “cristãos” entendem por Trindade, perceberemos que a ignorância reina, inclusive entre cristãos evangélicos.²

Sinto-me honrado em prefaciá-lo este trabalho do Misael Batista do Nascimento e da Ivonete Silva Porto. Este tratado visa corrigir tal ignorância em nosso meio. Mas há outras razões bíblicas, históricas e práticas que me levam a recomendar o escrito destes queridos irmãos. Primeiro, porque, embora as Escrituras não usem a palavra “Trindade”, a Bíblia faz menção do Deus que falou³ e do Espírito que pairava sobre a face do abismo (Gn 1.1-2).⁴ Gênesis anuncia o Filho de Deus, que “nasceria da semente da mulher” e “esmagaria a cabeça da serpente” (Gn 3.5). Em outras palavras, de Gênesis a Apocalipse, as Escrituras estão repletas de referências ao Deus criador, à semente da mulher (de Abraão, Isaque, Jacó e Davi) e ao Espírito do SENHOR. Além das referências proposicionais, as Escrituras também usam figuras, histórias e símbolos que nos ensinam sobre as três pessoas da Trindade.

Em segundo lugar, como já mencionei, esta doutrina distingue o Cristianismo de todas as religiões do mundo. Não podemos ser cristãos sem sermos trinitários. Considerem, por exemplo, os ensinamentos do Islamismo, do Judaísmo e de todas as religiões asiáticas, sobre Deus e deuses. Até uma leitura superficial das Escrituras, leva o leitor a perceber que o próprio Deus faz questão de ser

1 CALVINO, João. *As institutas: edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, I.xiii.1.

2 O Cristianismo está dividido, praticamente, em três grupos distintos: Católicos Romanos, Protestantes e Ortodoxos. Cada um desses grupos tem subgrupos (inclusive a Igreja Católica e a Ortodoxa) e “denominações” que diferem entre si com relação a certas doutrinas.

3 Esta declaração pode ser entendida como referindo-se a Deus Pai criando por meio de Deus Filho, como lemos em João 1.1-3,14: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”.

4 A “árvore da vida no meio do jardim” (Gn 2.9; 3.22-24) é um apontamento para a vida eterna, desfrutada na comunhão com Deus Pai, por meio de Jesus Cristo (Deus Filho), no poder de Deus Espírito Santo (cf. Ap 2.7).

distinto de todos os deuses das nações. Os autores mostram com clareza como as pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo são descritas e apresentadas distintamente, mas como um só Deus através do Antigo e do Novo Testamentos.

Em terceiro lugar, a história do cristianismo reformado está inseparavelmente relacionada com o desenvolvimento bíblico e sistemático desta doutrina. A teologia, cristologia e pneumatologia reformada distinguem, de uma certa forma, as igrejas reformadas de outras formas de cristianismo e grupos independentes mais recentes, especialmente com relação à doutrina da aliança ou do pacto.

Em quarto lugar, a doutrina da Trindade é fundamental para a prática da vida cristã, começando pela soteriologia — o ensino das Escrituras sobre a salvação dentro do contexto da economia soberana de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Além disso, as doutrinas relacionadas à inspiração, inerrância, infalibilidade, suficiência e eficiência das Escrituras, dependem da nossa compreensão da doutrina da Trindade como ensinada na Bíblia Sagrada. Mas tal doutrina também afeta nossa prática devocional (meditação, oração, pregação, evangelização e assim por diante).

Os autores expõem estes aspectos acima mencionados sob duas teses simples, mas profundas: (1) O Deus da Bíblia é diferente; e (2) O Deus da Bíblia é Triúno. As Escrituras são o livro do Deus Triúno; o Deus Triúno é o assunto das Escrituras. Toda história — da criação à consumação — é a história redentiva do Deus Triúno. Muito simples, mas nunca simplista. As implicações são eternas em todas as áreas de nossas vidas.

Pelas razões acima mencionadas sinto-me honrado em prefaciá-lo e recomendar este trabalho. Misael e Ivonete expõem tais assuntos de modo sério e escrevem de uma forma acessível a todos os níveis de leitores. A seriedade e acessibilidade deste trabalho é percebida pela maneira como apresentam e organizam os assuntos com fundamentação bíblica, histórica e com implicações para nossas vidas. “Nos esforçamos por produzir um material fiel aos ensinamentos da Bíblia, agradável de ler e fácil de entender”. Além disso, este material tem sido usado, testado, revisado, por mais de uma década. É um material sério e maduro.

Oro para que Deus Pai, Filho e Espírito Santo desvendem os olhos dos leitores e estudantes deste livro, de modo que suas mentes sejam abertas para entender e seus corações para crer, confiar e entesourar, e assim sejam motivados a alegremente glorificar e servir a este Deus Triúno.

Rev. Dr. Elias dos Santos Medeiros.
Harriet Barbour Professor of Missions.
Missions Department Chairman.
Reformed Theological Seminary.
Jackson, MS USA.

Introdução

Estes estudos estão sendo utilizados desde 2006, por cristãos interessados em conhecer mais e melhor a Palavra de Deus. Nos esforçamos para produzir um material fiel aos ensinamentos da Bíblia, agradável de ler e fácil de entender.

Você é nosso convidado para conhecer ao Deus verdadeiro, o que ele realiza e, acima de tudo, quem ele é. Abordamos alguns aspectos da doutrina bíblica da Trindade. Trata-se de uma contemplação do Senhor — uma possibilidade de desfrutar do prazer de amá-lo e de maravilhar-se com ele mesmo, Uno e Trino, simples na essência e múltiplo na personalidade.

Para alguns isso pode parecer muito teórico e até mesmo uma “perda de tempo”, no entanto, tal conhecimento é prático. Entender a Deus nos ajuda a interpretar o cosmos, a Igreja e nós mesmos dentro do reino divino. Uma correta compreensão e articulação da doutrina trinitária é fundamental para a caminhada em santidade, o uso correto dos dons espirituais, e o testemunho e discipulado cristãos.

Hoje, a descrição de Deus oferecida no mercado da religião é mais uma caricatura do que um retrato fiel. Mesmo igrejas ditas cristãs se afastam de qualquer confissão histórica sobre o ser divino. Além disso, algumas seitas que negam a Trindade continuam influentes, por isso a matéria é pertinente.

Os estudos são organizados em duas seções principais. A primeira destaca a singularidade da revelação cristã sobre Deus. Na segunda, a Trindade é mostrada em sua essência e ação na História. Em cada aula somos motivados a crer, amar, adorar e obedecer ao Deus verdadeiro.

Esta é uma obra feita a quatro mãos. O Rev. Misael projetou o curso, organizou a pesquisa bíblica e referências bibliográficas, escreveu as introduções, estudos e conclusões. Ivonete Silva Porto, educadora cristã, revisou e enriqueceu os conteúdos e produziu a maior parte das contextualizações e atividades.

Os autores agradecem o apoio e compreensão de seus cônjuges e familiares. As orações, a paciência, o incentivo e o apoio de vocês foram fundamentais para a realização deste trabalho. Somos imensamente devedores aos irmãos das igrejas que frequentamos e pastoreamos ao longo do tempo em que produzimos estes estudos, a Igreja Presbiteriana Central do Gama, no Distrito Federal, a Igreja Presbiteriana de São José do Rio Preto, em São Paulo e a Igreja Presbiteriana do Renascimento, em São Luís do Maranhão. Muitos oraram e contribuíram com críticas e sugestões úteis; outros ajudaram a aperfeiçoar os textos e o leiaute das primeiras apostilas.

Sobre os autores

O Rev. Misael Nascimento é pastor presbiteriano, graduado pela Faculdade Teológica Batista de Brasília e Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui

especialização em Teologia Prática pela Faculdade Teológica Batista de Brasília e é Doutor em Ministério pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em parceria com o Reformed Theological Seminary. É Mestre em Educação, Arte e História da Cultura, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Trabalhou como evangelista por sete anos, na implantação da Igreja Presbiteriana de Valparaíso de Goiás. Pastoreou a Igreja Presbiteriana Central do Gama, no Distrito Federal, de 1997 até 2009 e desde 2010 é pastor da Igreja Presbiteriana de São José do Rio Preto (IPB Rio Preto). É casado com Mirian, pai de Ana Carolina e Bruna, sogro do Ricardo, avô da Eva e amigo do Bento e da Jujuba (um yorkshire e uma shih-tzu simpáticos).

Ivonete Silva Porto é educadora cristã, graduada em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília e em Pedagogia pelo Grupo Fortium. É especialista em Teologia Filosófica pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. É casada com o Rev. Allen Porto e mãe do Matias e da Lúcia.

Tudo foi escrito para a honra de Deus, nosso bondoso Pai, Redentor e Consolador. Esperamos que cada leitor obtenha boa compreensão da doutrina sã e se sinta motivado a continuar crescendo na graça e conhecimento do Senhor (2Pe 3.18). Se você absorver essas verdades ao ponto de poder ensiná-las a outros, estará capacitado para fazer discípulos. Oramos para que sua fé seja fortalecida e os cristãos multiplicados.

Os autores.

I. O DEUS DA BÍBLIA É DIFERENTE

Objetivos para o professor

- Compreender que o Deus verdadeiro é singular, distinto e acima de quaisquer invenções religiosas.
- Responder a tais verdades com amor e adoração.
- Orar, preparar-se adequadamente e conduzir o aluno à mesma compreensão, na dependência do Espírito Santo.

Objetivos para o aluno

- Compreender que as tentativas de descrever a Divindade oferecidas pelo monismo, politeísmo e unitarismo são antibíblicas e inadequadas.
- Descobrir a singularidade do Deus verdadeiro.
- Perceber que, através do conhecimento do Deus verdadeiro, nós passamos a compreender melhor o cosmo, a Igreja e a nós mesmos.

Introdução da seção

Quem é Deus? Esse questionamento é feito por diversas pessoas, de diferentes épocas. Há quem considere a Divindade como uma concepção ou construção de cada indivíduo, ou seja, Deus pode ser diferente para cada pessoa; cada um pode ter o “seu deus”, conforme sua preferência ou conveniência.

Nesta seção, propomos que todas as tentativas de descrever a Divindade contrárias à Bíblia são equivocadas. São analisados os três principais erros relacionados ao ser de Deus, quais sejam, o monismo, o politeísmo e o unitarismo.

Estudos desta seção

1. O Deus da Bíblia
2. O Deus da Bíblia e o monismo
3. As inadequações do politeísmo e unitarismo

1. O Deus da Bíblia

APESAR DE TODO O ESFORÇO DAS AUTORIDADES, persiste em todo o mundo a atividade de criminosos especializados em imprimir e distribuir dinheiro falso. Uma cédula de R\$ 200,00 falsificada é muito parecida com uma original. Para reconhecer uma nota falsa, é fundamental que se conheça bem as verdadeiras. Diferenças são percebidas na textura do papel, fios de segurança e outros detalhes.

1.1. O Deus verdadeiro diante dos falsos deuses

Para discernir os falsos deuses, é preciso conhecer ao Deus da Bíblia. O Deus revelado nas Escrituras é verdadeiro. Nenhuma outra “divindade” imaginada pelos homens ou sugerida por Satanás pode ser comparada a ele. No Antigo Testamento, ele se revela como o Deus eterno, “aquele que é”. Por meio de seus profetas ele se manifesta majestoso, único e elevado acima de sua criação.

Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Disse Deus a Moisés: **EU SOU O QUE SOU**. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros (Êx 3.13-14).

Com quem **comparareis** a Deus? Ou que coisa semelhante confrontareis com ele? (Is 40.18).

Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o SENHOR, o Criador dos fins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não se pode esquadrinhar o seu **entendimento** (Is 40.28).

A vida cristã exige duas coisas: Abandonar os falsos deuses e conhecer o Deus verdadeiro.

Então, disse Jacó à sua família e a todos os que com ele estavam: Lançai **fora** os **deuses estranhos** que há no vosso meio, purificai-vos e mudai as vossas vestes (Gn 35.2).

Conheçamos e prossigamos em **conhecer** ao SENHOR; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra (Os 6.3).

1.2. O teísmo cristão

A forma como a Bíblia descreve Deus é chamada *teísmo cristão*. Um dos seus pilares é a compreensão de Deus como uma Trindade. O Cristianismo se diferencia de outras religiões ao acolher a revelação bíblica do Deus tripessoal (pessoalidade e diversidade), único (unicidade) e uno (indivisibilidade). Tais ca-

racterísticas são aspectos fundamentais do Deus verdadeiro: pessoalidade que enseja relacionamentos, diversidade que possibilita distinção, unicidade que destaca como singular e unidade que atende a demanda por inteireza e plenitude (figura 1).

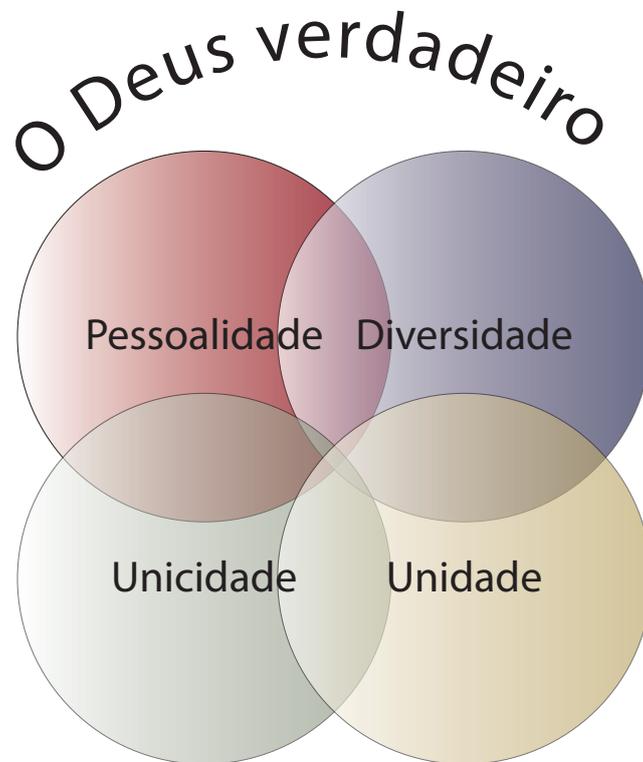


Figura 1. O Deus verdadeiro possui pessoalidade, diversidade, unicidade e unidade.

Além disso, esses traços do Deus da Bíblia estão presentes na realidade que ele criou.

O teísmo cristão assume que Deus é “infinito e pessoal [...]. Esse Deus é Triúno, transcendente e imanente, onisciente, soberano e bom”.⁵ Como ser infinito, “Deus é o existente primordial, a única realidade primordial; e [...] a única fonte de todas as outras realidades”.⁶ No contexto da doutrina da Trindade, “pessoa” significa “um princípio eterno de subsistência dentro da divindade”.⁷ De acordo com J. I. Packer:

As três “subsistências” pessoais (como são chamadas) são centros coiguais e coeternos de autoconsciência, cada qual sendo “eu” em relação aos dois que são “vós”, e cada qual participando da plena essência divina (a “substância” da Deidade, se assim podemos chamá-la) juntamente com os outros dois.⁸

A pessoalidade da Divindade “surge não do isolamento individualista [das

5 SIRE, James W. *O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*. 5ª ed. expandida e revista. Brasília: Editora Monergismo, 2018, posição 496 de 7079. Edição do Kindle.

6 SIRE, op. cit., posição 508 de 7079.

7 GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 252.

8 PACKER, J. I. *Teologia concisa: um guia de estudo das doutrinas cristãs históricas*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 46.

peças divinas] [...], mas do amor e do relacionamento com as outras, com base na comunhão”.⁹ O termo “transcendente” significa “superior”, “mais elevado”¹⁰ e “imaneente” quer dizer “ligado a”.¹¹ Ou como explica Sire:

Deus é transcendente. Significa que Deus está além de nós e do nosso mundo. Ele é diferente. Olhe para uma pedra: Deus não é ela; Deus está além dela. Olhe para um homem: Deus não é ele; Deus está além dele. Contudo, Deus não está tão além que não tenha nenhuma relação conosco e com nosso mundo. É igualmente verdade a imanência divina: ela significa que Deus está conosco. Olhe para uma pedra: Deus está presente. Olhe para uma pessoa: Deus está presente. Não é isso uma contradição? Nesse ponto é o teísmo um absurdo? Penso que não.¹²

A crença no Deus único como uma Trindade santa separa o Cristianismo do Judaísmo e do Islamismo.

Na verdade, no teísmo cristão (e não no Judaísmo ou Islamismo) Deus não apenas é pessoal, mas também Triúno. Isto é, dentro da essência única da Divindade distinguimos três “pessoas” — que não são nem três deuses, por um lado, nem três partes ou modos de Deus, por outro, mas Deus — de forma coigual e coeterna. Sem dúvida a Trindade é grande mistério [...]. O importante aqui é perceber que a Trindade confirma a natureza comunal, “pessoal” do ser último. Deus não está ali apenas — um ser realmente existente; mas também é pessoal e podemos nos relacionar com ele de modo pessoal. Conhecer a Deus, portanto, significa mais que apenas saber de sua existência. Significa conhecê-lo assim como conhecemos um irmão ou, melhor, o próprio pai.¹³

1.3. Por que precisamos conhecer a Deus

Conhecer a Deus é fundamental para o desfrute da vida eterna. Envolver-se com a religião sem conhecer ao Deus da Bíblia produz confusão, fanatismo e ativismo ocioso. O conhecimento de Deus nos capacita a responder a ele amorosa, voluntária e inteligentemente.

E a **vida eterna** é esta: Que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a **Jesus Cristo, a quem enviaste** (Jo 17.3).

9 ZIZIOLAS, John. “The doctrine of the Holy Trinity: The significance of the Capadocian contribution”. In: SCHWÖBEL, Christoph. (Org.). *Trinitarian theology today*. Edimburgo: T&T Clark, 1995, p. 58, apud HORTON, Michael. *Doutrinas da fé cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 299.

10 AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins*. 2ª ed. atualizada e revista. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010, p. 14-15.

11 “Imaneente”. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico 7.0*. Curitiba: Editora Positivo, 2009. CD-ROM.

12 SIRE, op. cit., posição 533 de 7079.

13 Ibid., posição 520-533 de 7079.

Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei (Sl 40.8).

A isto ele respondeu: **Amarás o Senhor, teu Deus**, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu **entendimento**; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo (Lc 10.27).

Ademais, o conhecimento do Deus da Bíblia influencia a maneira como compreendemos a realidade e, por fim, a nós mesmos. Nossa identidade, valor e lugar no mundo advêm do conhecimento de nosso criador, redentor e rei.

Quase toda a soma de nosso conhecimento, que de fato se deva julgar como verdadeiro e sólido conhecimento, consta de duas partes: O conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos. [...] Por outro lado, é notório que o homem jamais chega ao puro conhecimento de si mesmo até que haja antes contemplado a face de Deus, e da visão dele desça a examinar-se a si próprio.¹⁴

Por fim, o conhecimento do Deus da Bíblia nos motiva para caminhar com Deus e com o próximo em amor, como veremos na aula seis.

1.4. O engano e perigo das caricaturas de Deus

Ao comparar uma foto com uma caricatura, notamos semelhanças e diferenças. A foto reproduz a pessoa com fidelidade. A caricatura é uma imitação cômica; representa a pessoa a ponto de podermos reconhecê-la, ao mesmo tempo em que exagera jocosamente em alguns detalhes.

O homem insiste em produzir suas próprias imagens e definições de Deus e da realidade. “A imaginação do homem é, por assim dizer, uma perpétua fábrica de ídolos”.¹⁵ Tais “esboços” guardam semelhanças com o Deus bíblico, mas são enganosos. Ao confundir Deus com tais descrições, o homem se dobra diante de ídolos.

[...] pois eles **mudaram** a verdade de Deus em **mentira**, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! (Rm 1.25).

Nestes estudos, “ídolo” é qualquer coisa em que colocamos nossa confiança última, que define a realidade ou nos dá senso de significado à parte do Deus da Bíblia. Idolatria é a “adoração de algo criado em oposição à adoração do verdadeiro criador”.¹⁶

Para quem aceita a descrição bíblica de Deus (o teísmo cristão), o Universo é “carregado da grandeza de Deus”.¹⁷ Por outro lado, as caricaturas da Divindade estabelecem estruturas de idolatria.

14 CALVINO, *As Institutas*, I.i.2.

15 *Ibid.*, I.xi.8.

16 YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. (Org.). *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 678.

17 SIRE, *op. cit.*, p. 31.

E DAÍ?

Tanto o desfrute da salvação, quanto nosso próprio senso de identidade e significado, dependem de conhecermos ao Deus da Bíblia. Agora mesmo, peça a Deus que o ajude a conhecê-lo, enquanto você estuda sobre a Trindade.

ATIVIDADES

1. Marque as alternativas corretas.

- (__) Para discernir os falsos deuses, é preciso conhecer cada religião a fundo.
- (__) O Deus revelado nas Escrituras é verdadeiro.
- (__) No Antigo Testamento, Deus se revela como o Deus eterno.
- (__) A vida cristã exige duas coisas: Abandonar os falsos deuses e cursar uma boa escola de teologia.

2. Marque a única resposta correta. A frase “Deus é Triúno, transcendente e imanente” significa que:

- (__) Deus está além de nós e do nosso mundo, por isso ele não se envolve na História.
- (__) Deus está além de nós e do nosso mundo. Ao mesmo tempo, Deus está conosco.

3. De acordo com a explicação sobre o teísmo cristão, o Judaísmo e o Cristianismo compreendem o ser de Deus exatamente da mesma maneira.

___ Verdadeiro ___ Falso

4. Marque a única resposta correta. Se, por um lado, envolver-se com a religião sem conhecer o Deus da Bíblia produz confusão, fanatismo e ativismo oco, por outro lado, o conhecimento de Deus produz:

- (__) Fé amorosa e inteligente
- (__) Teólogos fiéis e competentes.

5. Desembaralhe as letras e complete a frase.

As caricaturas da Divindade estabelecem estruturas de _____
[idolatria]. [ITRLADOIA]

2. O Deus da Bíblia e o monismo

NA QUINTA TEMPORADA DA SÉRIE *The Walking Dead*, o grupo liderado por Rick Grimes é acolhido pelo pastor Gabriel Strokes, que lhe oferece refúgio no prédio onde outrora se reunia a sua igreja. Strokes é um personagem interessante. Inicialmente inepto para a luta contra os inúmeros adversários (vivos e mortos-vivos), trajando uma roupa clerical, ele tenta desempenhar sua vocação de pregador, mas alguns não o consideram confiável, nem útil naquele ambiente impregnado de morte e maldade. Episódio após episódio, ele luta com sua consciência: Deus existe? Se existe, o que a Escritura afirma sobre Deus continua fazendo sentido nessa vida impactada pelo caos? Strokes olha em redor, para um mundo devastado e tem dificuldades de encaixar o que vê e sente com aquilo que a Bíblia diz.¹⁸

2.1. O abandono gradativo e prático do Deus da Bíblia

Gradativamente, a cultura contemporânea propõe o abandono do Deus da Bíblia. Sire fala sobre “um colapso”¹⁹ na visão de mundo cristã. Ele afirma que o modo cristão de entender Deus e a realidade está sendo substituído por outras compreensões.²⁰

Não é que as pessoas rejeitem Deus no âmbito popular, muito menos se declarem contrárias à Bíblia. Simplesmente alguns que afirmam crer em Deus e na Bíblia, assumem conceitos sobre Deus diferentes da revelação bíblica. No fim das contas, identificando-se como crentes em Deus e leitores da Bíblia, naquilo em que de fato creem e, conseqüentemente, no modo como vivem, negam o Deus da Bíblia. Uma evidência disso é um uso infeliz da expressão “meu Deus”. Se queremos dizer que Deus nos alcançou com sua graça, de modo que agora temos uma relação pessoal com ele, não há problema em declarar “meu Deus”. O apóstolo Paulo faz isso quando escreve aos Filipenses:

E o **meu Deus**, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades (Fp 4.19).

O problema é outro. Uma pessoa que se diz cristã pode ler um trecho da Bíblia que revela o ser ou as ações de Deus. Pode também ouvir um sermão fiel às Escrituras, sobre o mesmo assunto. Depois de ler ou ouvir a verdade, ela pode reagir pensando ou dizendo. “O que eu li ou ouvi diz isso sobre Deus. Eu, porém, discordo. O *meu Deus* é diferente. Não é como esse texto bíblico ou pregador descrevem”. Um dos autores desta apostila se lembra de uma ocasião em que, junto dos presbíteros da igreja, aconselhou um rapaz envolvido em

18 *THE WALKING DEAD*. Produção de Scott M. Gimple; Robert Kirkman; Gale Anne Hurd; David Alpert; Tom Luse; Greg Nicotero. Local: Estados Unidos, 2015-2016, quinta e sexta temporadas.

19 SIRE, op. cit., p. 21-22.

20 Ibid., loc. cit.

uma prática antiética. Após ouvir o ensino da Bíblia sobre o assunto, bem como as admoestações para arrepende-se e abandonar o seu erro, o aconselhando disse que entendia o que constava no texto bíblico, mas que estava certo de que Deus não considerava sua conduta errada. E arrematou: “Se vocês quiserem me disciplinar, façam o que quiserem. Eu conheço o *meu Deus* e ele não me condena”. “Meu Deus”, nesse caso, corresponde a uma “divindade” particular, um “deus” segundo minha imagem; um produto da “fábrica de ídolos” mencionada na aula anterior.

Uma dificuldade adicional é o enfraquecimento da reflexão e devoção trinitárias. Vejamos, por exemplo, os temas de conferências, seminários e *lives* cristãs. Ou os estudos bíblicos dos quais participamos, os sermões que ouvimos e os livros que lemos. Ou mesmo os novos cânticos, inseridos na adoração congregacional. Quantos deles ecoam a verdade bíblica sobre a Trindade?

O modo como se dá esse distanciamento do Deus da Bíblia tem sido objeto de estudo. A forma como os autores organizam e discutem as diferentes compreensões de Deus e da realidade também varia. Os autores destes estudos sublinham três entendimentos equivocados sobre o ser de Deus, quais sejam, monismo, politeísmo e unitarismo.

2.2. A primeira caricatura da Divindade: o monismo

Não se preocupe se você nunca viu antes a palavra “monismo”. Saiba, porém, que provavelmente você já entrou em contato com ideias monistas, mesmo sem estar consciente disso. A concepção monista sobre Deus e a realidade está presente em grandes religiões, tais como o Budismo e o Hinduísmo, assim como em seitas populares, e.g., a Umbanda, a Cultura Racional (Universo em Desencanto), a Igreja Messiânica, grupos de meditação, canalização, autoconhecimento, autorrealização e outras iniciativas vinculadas à matriz de pensamento da Nova Era. E também em paradigmas acadêmicos e ideologias políticas e econômicas.

A Nova Era é uma proposta de espiritualidade dissociada da religião cristã bíblica e histórica.²¹ Em seu pacote de credências e prática, ela fomenta “a fé dos curadores, canalizadores, viajantes do espaço, cristais, etc.”²² Propõe “a vinda de um Novo Homem”²³ em um tempo identificado como “Era de Aquário” e é um movimento “tanto [...] sociocultural quanto religioso”.²⁴ Além disso:

Elas [as pessoas ligadas à Nova Era] não consideram o Cristianismo uma alternativa viável por este haver vendido grande parte de sua alma ao secularismo (i.e., os liberais) por um lado e, por outro, é por demais inadapável e irrelevante aos tempos atuais e às suas questões (i.e., os conservadores).

21 Ibid., p. 188-232.

22 Ibid., p. 190.

23 Ibid., loc. cit.

24 CHRISTENSEN, Lynda. “O movimento nova era”. In: GREEN, Michael; MCGRATH, Alister. (Org.). *Manual do semeador*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 69.

[...] Num nível vivencial, muitos estão numa busca espiritual — uma busca para “reencantar o mundo”, tornando-o mais humano, espiritual e significativo. Em termos práticos, buscam novas maneiras de ser, experimentar e se relacionar consigo mesmos, com os demais e com a vida em geral. É a busca de uma nova visão e uma nova maneira de viver que vai afetar tanto o mundo interior quanto o exterior, uma transformação do eu quanto da sociedade.²⁵

Além de tais vínculos notadamente religiosos, como veremos a seguir, o monismo é identificado também no materialismo.

O que é o monismo? Basicamente, monismo é a ideia de “reduzir todas as forças, materiais e leis perceptíveis na natureza a uma só força, um só material e uma só lei”.²⁶ Ele tenta responder à pergunta: “Quantas coisas existem?”²⁷ Trata-se do pensamento e devoção para a unidade. No monismo, “toda a realidade é definitivamente uma, não dupla (como no dualismo) nem muitas”²⁸ (figura 2).

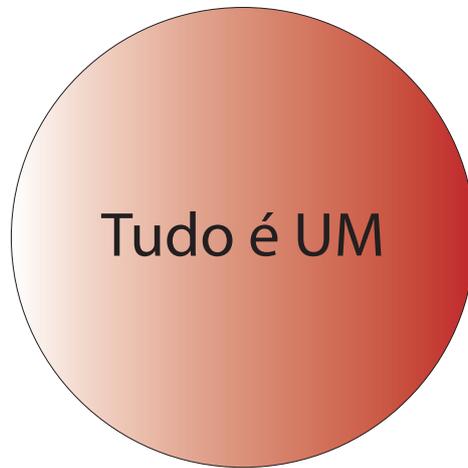


Figura 2. Monismo: Tudo é um.

Há um monismo *substancial* e um monismo *atributivo*.

O monismo substancial (“uma só coisa”) é o conceito de que existe uma só substância e de que toda a diversidade é irreal, em última análise. Esse conceito era sustentado por Spinoza, que alegava [...] que tanto Deus quanto o Universo são aspectos dessa substância. [...].

O monismo atributivo (“uma só categoria”) sustenta que há somente um tipo de coisa, mas muitas coisas diferentes nessa categoria. O materialismo e o idealismo são formas diferentes do monismo atributivo. O materialista sustenta que a única categoria de existência em que se acham todas as coisas reais é a material, ao passo que o idealista diz que essa categoria é mental.²⁹

25 CHRISTENSEN, op. cit., loc. cit.

26 BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada: prolegômena*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, v. 1, p. 367.

27 FLETCHER, D. B. “Monismo”. In: ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1984, v. 2, p. 547.

28 HOLMES, A. F. “Monismo”. In: FERGUSON, Sinclair B. (Org.). *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 697.

29 FLETCHER, op. cit., loc. cit.

Holmes diz que “o problema do monismo é que, quando tudo é tratado como único, a generalização total suprime distinções importantes, e, assim, tende-se a uma posição reducionista”.³⁰ O monismo é “naturalista”, ou seja, não deixa espaço para o “sobrenatural e, com respeito à ciência e à arte, à religião e à moralidade, [contenta-se] com este cosmos e com o aqui e o agora”.³¹ Sendo assim, “a visão de mundo da Escritura e de toda teologia cristã é muito diferente. Seu nome é teísmo, não monismo; sua orientação é sobrenatural, não naturalista”.³²

2.3. O monismo é a matriz do materialismo

Ao afirmar que toda a realidade deve ser interpretada pela ótica naturalista, o monismo se torna materialismo (figura 3).

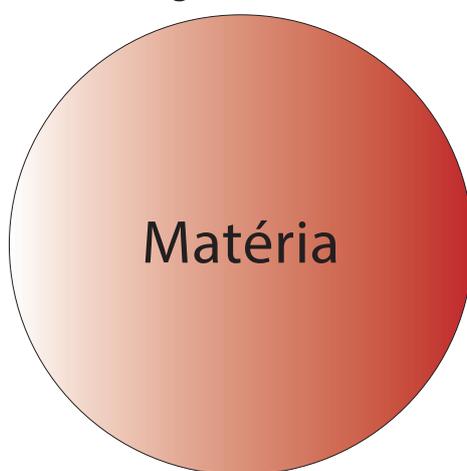


Figura 3. Materialismo: Tudo é matéria.

No materialismo, o um que constitui todas as coisas é a matéria. Daí a definição proposta pelo *Dicionário Aurélio*:

Tendência, atitude ou doutrina que admite, ou que a matéria, concebida segundo o desenvolvimento paralelo das ciências, ou que as chamadas condições concretas materiais, são suficientes para explicar todos os fenômenos que se apresentem à investigação, inclusive os fenômenos mentais, sociais ou históricos. O materialismo se afirma sobretudo ante o problema da origem do mundo (que dispensa a criação divina e se explica em termos evolutivos), o problema ético (dele resultando moral hedonística), o problema psicológico (orientando a pesquisa no sentido de estabelecer as relações diretas entre os fenômenos psíquicos e as reações do organismo aos estímulos ambientais), e o problema do conhecimento (em que afirma a adequação da razão ao conhecimento do mundo, adequação que se evidencia pelo incessante progresso do conhecimento científico).³³

30 HOLMES, op. cit., loc. cit.

31 BAVINCK, op. cit., v. 1, p. 368.

32 Ibid., loc. cit.

33 “Materialismo”. In: FERREIRA, 2009, loc. cit.

Ao negar Deus como criador, o materialismo fecha as portas para a verdadeira adoração.³⁴ De acordo com a definição acima, a ideia materialista de um Universo explicável pelas “condições concretas materiais”, afeta o modo como lemos e vivemos a realidade. O materialismo formata a mente e o ser. Consequentemente, exige devoção. Ao constituir-se em estrutura na qual colocamos nossa confiança, que define a realidade e que provê senso de significado à parte do Deus da Bíblia, o materialismo possui caráter religioso, ou seja, conduz à idolatria (da matéria).

2.4. O monismo é a matriz do panteísmo

O panteísmo é tanto o “sistema filosófico que identifica Deus com o mundo”, quanto a “adoração da natureza, vendo Deus em tudo que existe”.³⁵ No panteísmo, Deus é tudo e tudo é Deus (figura 4).

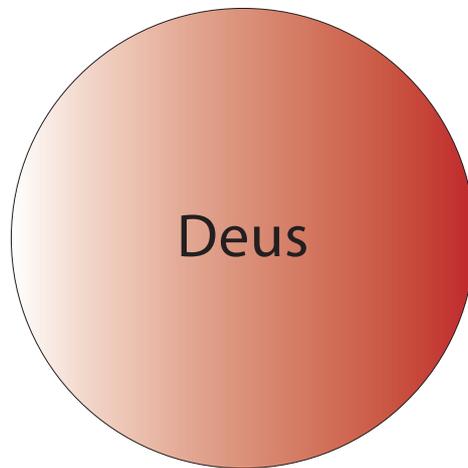


Figura 4. Panteísmo: Deus é tudo e tudo é Deus.

Esta ideia atualiza crenças antigas e ecoa, com ênfases diferentes, no Hinduísmo e no Budismo (para citar alguns exemplos). “Atualmente algumas pessoas que se consideram espiritualistas, em vez de religiosas, refletem um pouco dessa concepção generalizada do espírito como algo impessoal”.³⁶

2.4.1. O PANTEÍSMO NEGA A PESSOALIDADE DIVINA

No panteísmo, o Universo é considerado “o desenvolvimento de uma substância inteligente e voluntária, embora impessoal, que atinge a consciência só no homem”.³⁷

34 Para compreender a relação entre a crença bíblica em Deus como criador e a adoração aceitável a Deus, cf. NASCIMENTO, Misael Batista; PORTO, Ivonete Silva. *A doutrina da salvação: criação e queda*. São José do Rio Preto: IPB Rio Preto, 2023. Disponível em: <<https://www.ipbriopreto.org.br/courses/criacao-e-queda/>>.

35 “Panteísmo”. In: MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 1541.

36 ERICKSON, Millard J. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 260.

37 STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003, v. 1.

Georg Hegel, cuja filosofia influenciou grande parte da teologia do século 19, acreditava no Absoluto, um grande espírito ou mente que abarca todas as coisas dentro de si. Na metafísica de Hegel, a realidade como um todo é uma grande mente pensante, e tudo o que a maioria das pessoas considera como objetos e pessoas finitas são simplesmente ideias na mente do Absoluto. Contudo, na verdade, tal ser não tem autoconsciência, ou não tem personalidade com a qual possamos nos relacionar.³⁸

O panteísmo confronta a Bíblia, pois esta revela que Deus é pessoal, nos convida para um relacionamento com ele, se revela nominalmente e nos chama por nome.

Quando atingiu Abrão a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o SENHOR e **disse-lhe**: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito (Gn 17.1).

É importante entender que, quando o panteísmo não é admitido como materialismo puro, ele conduz a uma espiritualidade desconectada de uma divindade pessoal, como no Budismo (o budista não se relaciona com um Deus pessoal; ele se dedica a exercícios que o conectam ao UM impessoal). Outra possibilidade é negar um Deus Pessoal supremo e abrir espaço para divindades pessoais subalternas, tal como no Hinduísmo ou no animismo das religiões afro-brasileiras (cf. seção 2.5).

2.4.2. O PANTEÍSMO NEGA A OBRA REDENTORA DE CRISTO

Se Deus é tudo e tudo é Deus, nós já estamos ligados ao Absoluto e, portanto, não necessitamos de uma redenção. A Bíblia, no entanto, revela que nossa comunhão com Deus só é possível por causa do pacto da redenção, revelado magistralmente na encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Na comunhão com Deus, salvos pela graça, justificados pela fé somente, somos aperfeiçoados no amor; e todo vínculo de amor reflete, ainda que imperfeitamente, o mistério existente na relação pessoal da Santíssima Trindade.

Porque Deus **amou** ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a **vida eterna** (Jo 3.16).

Ora, tudo provém de Deus, que **nos reconciliou** consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação (2Co 5.18-19).

Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a plenitude e que, **havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz**, por meio dele,

38 ERICKSON, op. cit., loc. cit.

reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus (Cl 1.17-23).

Não rogo somente por estes, mas também por **aqueles que vierem a crer em mim**, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste (Jo 17.20-21).

Nós amamos porque ele nos amou **primeiro** (1Jo 4.19).

Resumindo, o panteísmo erra ao negar a pessoalidade de Deus e rejeitar a obra redentora de Cristo. O panteísmo destrói todo o significado e valor da morte e ressurreição de Cristo, tais como proclamadas no evangelho.

2.5. O monismo é a matriz do animismo

Por fim, a ideia monista-panteísta, de tudo ser um, desdobra-se no entendimento de que cada coisa criada, inclusive as árvores, o sol etc. possui uma alma (*anima*). O passo seguinte é identificar a alma ou espírito de cada coisa e, considerando tais espíritos “divinos”, venerá-los. Surge, destarte, o animismo. O animismo é a “tendência das religiões primitivas”, de “identificar o divino com a criação”.³⁹

O paradoxo de tudo isso é que o panteísmo, que preconiza um Universo sem o Deus pessoal da Bíblia, abre espaço para a mais franca idolatria.

E DAÍ?

As diferentes proposições do monismo são contrárias ao ensino da Bíblia sobre o Deus único e verdadeiro. Quem acolhe as noções monistas de divindade e do cosmos, não consegue encaixar o que vê e sente com aquilo que a Bíblia diz. Peçamos ao Senhor que nos ajude a perceber as inadequações do monismo e que, como fruto da graça, conheçamos ao Deus Triúno revelado no evangelho.

ATIVIDADE

1. Na cultura contemporânea, o conhecimento bíblico de Deus tem sido substituído por noções particulares da Divindade (cada pessoa define “deus” de acordo com sua preferência ou imaginação).

___ Verdadeiro ___ Falso

2. Para o monismo, tudo é um. O bom do monismo é que ele se harmoniza com o teísmo cristão.

___ Verdadeiro ___ Falso

39 FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 156.

3. Ao afirmar que toda a realidade deve ser interpretada pela ótica naturalista, o monismo se torna materialismo.
___ Verdadeiro ___ Falso
4. Uma proposição popular do monismo é o panteísmo. No panteísmo, Deus é tudo e tudo é Deus. Apesar de pregar que Deus não é um ser pessoal, o panteísmo acerta ao valorizar a obra redentora de Jesus Cristo.
___ Verdadeiro ___ Falso
5. Ao sugerir que cada coisa criada possui uma alma (*anima*), o monismo-panteísmo favorece o animismo (a identificação do divino com a criação). Isso abre espaço para a idolatria.
___ Verdadeiro ___ Falso

3. As inadequações do politeísmo e unitarismo

QUEM VIAJA DE CARRO sabe da importância dos sinais de trânsito. Uma placa legível e bem-posicionada nos ajuda a chegar mais cedo e com segurança ao destino desejado. Por outro lado, uma sinalização confusa produz caos, os motoristas se perdem e os acidentes são mais frequentes. Cada sistema de crenças busca, a seu modo, apontar o caminho para uma divindade. O meio mais seguro para percorrer essa estrada é seguir a sinalização fornecida pelo próprio criador. Em meio a um amontoado de sinais confusos, Deus se revelou nas Sagradas Escrituras.

3.1. A segunda caricatura da Divindade: o politeísmo

O politeísmo é a “religião em que há pluralidade de deuses”⁴⁰ (figura 5).

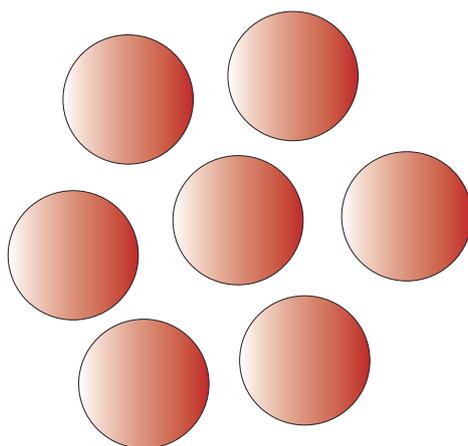


Figura 5. Politeísmo: A crença em muitos deuses.

Tal crença é distinguida “do teísmo, também chamado monoteísmo, com base na alegação do politeísmo de que a Divindade [...] é múltipla ao invés de una”.⁴¹ Turretini sustenta que, biblicamente, o politeísmo e o ateísmo possuem uma origem comum, como segue, “o apóstolo chama os gentios de “ateus” (*atheous*, Ef 2.12), porque eram politeístas (*polytheoi*)”.⁴² Uma das fontes do politeísmo é o coração humano decaído. “Premido por suas necessidades, o homem se volve em todas as direções em busca de ajudadores, e por isso faz para si muitos deuses”.⁴³

40 “Politeísmo”. In: FERREIRA, 2009, loc. cit.

41 FLETCHER, D. B. “Politeísmo”. In: ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1984, v. 3, p. 161-162.

42 TURRETINI, François. *Compêndio de teologia apologética*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 1, p. 251.

43 TURRETINI, op. cit., p. 252.

A Bíblia ensina que há somente um Deus. Isso não significa que não existam ídolos. O ponto é que todos esses não passam de produtos da imaginação ou mesmo criaturas com aspirações insanas. Além disso, há ocasiões em que reis e magistrados são chamados “deuses” (cf. Sl 45.6), uma vez que são agentes históricos da justiça divina. Apesar disso, somente o Deus da Bíblia é Deus.

Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás **outros** deuses diante de mim (Êx 20.2-3).

A ti te foi mostrado para que soubesses que o SENHOR é Deus; **nenhum** outro há, senão ele (Dt 4.35).

Portanto, grandíssimo és, ó SENHOR Deus, porque não há semelhante a ti, e **não há** outro Deus além de ti, segundo tudo o que nós mesmos temos ouvido (2Sm 7.22).

Eu sou o SENHOR, e não há outro; **além de mim** não há Deus; eu te cingirei, ainda que não me conheces (Is 45.5).

O politeísmo é idolátrico na essência e, como temos dito, a idolatria engana ao motivar nossa confiança, ou definir a realidade, ou prometer significado à parte do Deus da Bíblia.

Como se isso não bastasse, o politeísmo nos torna semelhantes aos ídolos que veneramos. Apesar do ídolo ter boca, nada comunica acerca do Deus vivo; apesar de ter olhos ele nos cega, de modo que não enxergamos a Jesus Cristo como Redentor; apesar de parecer ter ouvidos, o ídolo nos impede de escutar a mensagem da salvação. Por fim, imaginando que adoramos a divindades autênticas, terminamos subjugados por demônios.

Prata e ouro são os ídolos deles, obra das mãos de homens. Têm boca e não falam; têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram. Suas mãos não apalpam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta. Tornem-se **semelhantes a eles** os que os fazem e quantos neles confiam (Sl 115.4-8).

Que digo, pois? Que o sacrificado ao ídolo é alguma coisa? Ou que o próprio ídolo tem algum valor? Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a **demônios** que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios (1Co 10.19-20).

Em suma, o politeísmo falha em reconhecer a unicidade de Deus, o fato de que Deus é único, tal como descrito na *Confissão de Fé de Westminster* (CFW).

Há um só Deus vivo e verdadeiro,^[1] o qual é infinito em seu ser e suas perfeições.^[2] Ele é um espírito puríssimo,^[3] invisível,^[4] sem corpo, membros ou paixões;^[5] é imutável,^[6] imenso,^[7] eterno,^[8] incompreensível,^[9] onipotente,^[10] onisciente,^[11] santíssimo,^[12] completamente livre^[13] e absoluto,^[14] fazendo tudo para sua própria glória e segundo o conselho da sua própria vontade,^[15] que é reta e imutável.^[16] É cheio de amor,^[17] é gracioso, misericordioso, longânimo, muito bondoso e ver-

dadeiro galardoador dos que o buscam,^[18] e, contudo, justíssimo e terrível em seus juízos,^[19] pois odeia todo pecado;^[20] de modo algum, terá por inocente o culpado.^[21] **Referências bíblicas:** ^[1]Dt 6.4; 1Co 8.4,6; 1Ts 1.9; Jr 10.10; ^[2]Jó 11.7-9; 26.14; ^[3]Jo 4.24; ^[4]1Tm 1.17; ^[5]Dt 4.15-16; Lc 24.39; At 14.11,15; ^[6]Tg 1.17; ^[7]1Rs 8.27; ^[8]Sl 92.2; ^[9]Sl 145.3; ^[10]Gn 17.1; ^[11]Rm 16.27; ^[12]Is 6.3; ^[13]Sl 115.3; ^[14]Êx 3.14; ^[15]Ef 1.11; Pv 16.4; ^[16]Rm 11.36; Ap 4.11; ^[17]1Jo 4.8; ^[18]Êx 36.6-7; Hb 11.6; ^[19]e 9.32-33; ^[20]Sl 5.5-6; ^[21]Na 1.2-3.⁴⁴

A “alma latina” é propensa ao politeísmo; nas crenças e práticas indígenas, de origem africana, do espiritismo e do catolicismo popular, cultiva-se devoção a entidades e “santos” mediadores. Enquanto isso, nos Estados Unidos, Europa e Oceania, diferentes crenças e práticas religiosas pagãs são reavivadas. Cada vez mais são ultrapassados os limites impostos pelo Primeiro e Segundo Mandamentos (Êx 20.3-5).

3.2. A terceira caricatura da Divindade: o unitarismo

O unitarismo ou antitrinitarismo, é a doutrina que nega “o dogma da Trindade, reconhecendo em Deus uma só pessoa”.⁴⁵ Breward afirma que “embora os unitaristas rejeitem os credos e tenham um espectro amplo de crenças, eles enfatizam a estrita unidade de Deus, negando assim as pessoas divinas, ou divindade, de Jesus Cristo e do Espírito Santo”.⁴⁶

Há o unitarismo herético do monarquianismo, arianismo,⁴⁷ das Testemunhas de Jeová, das sociedades unitaristas e do Islamismo. E há o Judaísmo, que não admite a divindade de Jesus e admite a divindade do Espírito Santo, mas não este como pessoa distinta do Pai (figura 6).

Ao negar a Trindade, o unitarismo rejeita a interpretação cristã do Antigo Testamento, bem como a revelação de Deus no Novo Testamento. A Bíblia Sagrada, acolhida pelo cristãos, ensina que Deus é uno e, ao mesmo tempo, Trino.

Até aqui vimos que o monismo rejeita tanto a pessoalidade quanto a redenção de Deus, o politeísmo desconsidera a singularidade de Deus e o unitarismo nega a pluralidade de pessoas na Divindade (Pai, Filho e Espírito Santo). O monismo, o politeísmo e o unitarismo não dão conta de apresentar o ser de Deus de modo fiel às Escrituras Cristãs (Antigo e Novo Testamentos).

44 ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. “Confissão de fé de Westminster [CFW], II.1”. In: *BÍBLIA DE ESTUDO HERANÇA REFORMADA*. [BEHR]. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2018, p. 1994-1995.

45 “Unitarismo”. In: FERREIRA, op. cit., loc. cit.

46 BREWARD, I. “Unitarismo”. In: FERGUSON, op. cit., p. 1176.

47 O monarquianismo surgiu no 3º século, em razão da dificuldade de compreender que o Deus único, revelado no Antigo Testamento, é também uma Trindade de pessoas (cf. MCDONALD, H. D. “Monarquianismo”. In: *Ibid.*, p. 695-696). O arianismo é explicado na aula cinco.

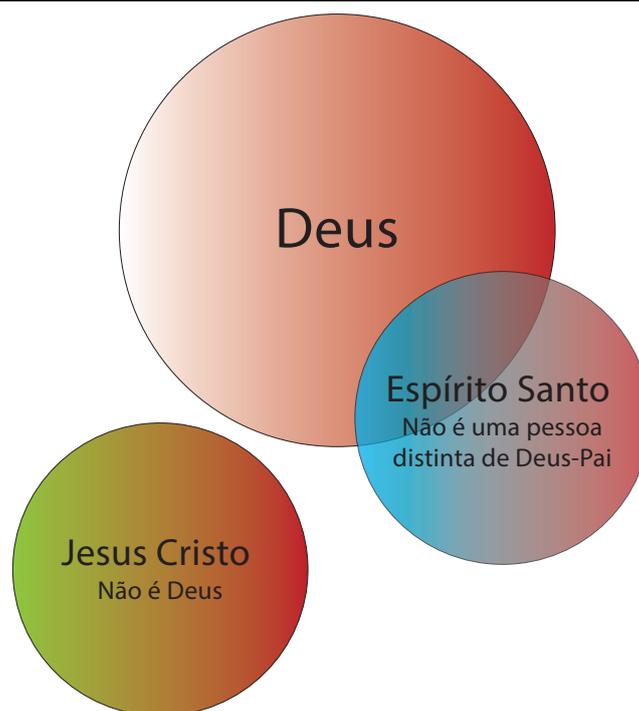


Figura 6. A negação da Trindade no unitarismo.

E DAÍ?

Em qualquer relacionamento de aliança, um dos desafios do amor é amar o real, em lugar do imaginário. Devotar-se a uma concepção falsa de Deus não preenche o vazio de nosso coração. Precisamos conhecer e amar o Deus vivo e verdadeiro.

ATIVIDADES

1. Marque a única resposta correta. O meio mais seguro para se conhecer a Deus é:
 - Todas as religiões.
 - Seitas.
 - Experiência mística pessoal.
 - A Sagrada Escritura.
 - Pesquisa científica.
2. Marque os sistemas de crenças que sugerem caricaturas do Deus da Bíblia:
 - Cristianismo.
 - Unitarismo.
 - Politeísmo.
 - Presbiterianismo.
 - Panteísmo.

3. Uma das fontes do politeísmo é o coração humano decaído.

___ Verdadeiro ___ Falso

4. O politeísmo é idolátrico na essência. A idolatria engana ao motivar nossa confiança, ou definir a realidade, ou prometer significado à parte do Deus da Bíblia.

___ Verdadeiro ___ Falso

5. A respeito do unitarismo, marque as respostas corretas:

(__) O unitarismo é a doutrina que nega a Trindade, admitindo apenas uma pessoa divina.

(__) O unitarismo é bíblico porque Deus é uma só pessoa.

(__) Encontramos o unitarismo em religiões como o Islamismo e o Judaísmo.

(__) O unitarismo não dá conta de apresentar o ser de Deus de modo fiel às Escrituras Cristãs (Antigo e Novo Testamentos).

II. O DEUS DA BÍBLIA É TRIÚNO

Objetivos para o professor

- Compreender que o estudo da doutrina da Trindade é importante para edificar a nossa fé.
- Orar, preparar-se adequadamente e conduzir o aluno à mesma compreensão, na dependência do Espírito Santo.

Objetivos para o aluno

- Entender que a essência de Deus é revelada na Trindade, e que o conhecimento dessa doutrina é muito importante para a vida cristã.
- Conhecer os ensinamentos sobre: (1) a Trindade nos credos ecumênicos e na Bíblia; (2) os relacionamentos dentro da Trindade; (3) a ação do Deus Triúno na História da Redenção e na providência.
- Responder à revelação bíblica sobre a Trindade com adoração e dedicação a Deus.

Introdução da seção

Como vimos, há diferentes concepções de Deus que contrariam o que a Bíblia diz. Saber quem é Deus é vital para nossa salvação, prática do culto, santificação e autoconhecimento.

Nesta seção olharemos mais de perto para a doutrina bíblica da Trindade. Seremos apresentados a novos conceitos que nos desafiarão a abraçar a revelação que a Escritura nos oferece.

Estudos desta seção

4. As ações e o ser de Deus
5. As principais declarações trinitárias
6. As relações dentro da Trindade
7. O ensino da Trindade em alguns credos
8. A Trindade no Antigo Testamento: o vocabulário bíblico
9. A Trindade no Antigo Testamento: as manifestações divinas
10. A Trindade no Antigo Testamento: as referências ao Messias
11. A Trindade no Antigo Testamento: as ações criativas e providenciais do Espírito Santo
12. A Trindade no Novo Testamento: Jesus e o Espírito Santo são pessoas divinas
13. Para lembrar do Deus dos pactos

4. As ações e o ser de Deus

NA PRIMEIRA AULA DE UM CURSO DE INGLÊS para adultos, o professor solicitou aos alunos que se apresentassem. Cada um deveria dizer três coisas: seu nome, sua profissão e suas expectativas com relação ao curso. O restante daquela aula foi dedicado a ensinar como apresentar-se em inglês. Em situações mais formais de apresentações, é comum que forneçamos nosso nome e profissão — quem somos e o que fazemos. Ao apresentar-se na Bíblia, Deus também revela quem ele é e o que ele faz.

4.1. O Deus que age nos pactos

Ao organizar a doutrina sobre o ser de Deus, a Igreja passou a ensinar sobre “Trindade” como o “estado de ser três” (*trinitas*), quer dizer, um Deus em três pessoas. O vocábulo “Triúno” identifica o Deus verdadeiro, que é Trino (três pessoas) e uno (uma só substância indivisível).

Quando falamos sobre Deus, normalmente utilizamos palavras que identificam o que ele faz. Dizemos que Deus é criador, redentor e juiz, ou que ele provê ou governa. Isso é assim porque experimentamos suas ações graciosas. A própria Bíblia faz isso; ao invés de fornecer uma descrição abstrata sobre o ser divino, a Escritura inicia com Deus agindo: “No princípio criou Deus [...]” (Gn 1.1). Mesmo sem encontrar a palavra “Trindade” no Antigo Testamento e escritos dos apóstolos, os primeiros cristãos tinham consciência da ação do Deus Trino em suas vidas. Eles sabiam que sua relação com Deus Pai se dava através de Deus o Filho, na dependência e poder de Deus o Espírito Santo. Eles eram batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e tanto os apóstolos quanto os primeiros pastores abençoavam os crentes com a graça, o amor e a comunhão do Deus Triúno.

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do **Pai**, e do **Filho**, e do **Espírito Santo** (Mt 28.19).

A graça do **Senhor Jesus Cristo**, e o amor de **Deus**, e a comunhão do **Espírito Santo** sejam com todos vós (2Co 13.13).

Não apenas na Bíblia, mas em nossa própria experiência, as pessoas da Trindade agem para cumprir seu propósito de salvação. Este modo de operação divina é denominado Trindade *econômica*.

Irineu fez uso de um termo que aparece com destaque em discussões posteriores sobre a Trindade: “A economia (plano) da salvação”. O termo “economia” precisa ser explicado. A palavra grega *oikonomia* significa basicamente “a maneira pela qual alguém administra seus negócios” [...] Para Irineu, “a economia (plano) da salvação” significa-

va “a maneira pela qual Deus administrou a salvação da humanidade na História”.⁴⁸

Essa abordagem da economia da Trindade nos ajuda a compreender que na Bíblia o Pai, o Filho e o Espírito Santo são mostrados em ações concretas. A Trindade intervém na História, a fim de cumprir seus pactos. Nós explicamos esses pactos divinos com embasamento bíblico, no curso *Criação e Queda*. Por ora, basta entender que Deus criou o cosmos e estabeleceu um vínculo de amor e vida com tudo o que criou, no *pacto da criação*. Ao exigir obediência do primeiro casal (Gn 2.16-17), Deus firmou um *pacto das obras*. Também providenciou salvação por conta da Queda, firmando o *pacto da redenção* (entre as pessoas da Trindade) e efetivando a salvação no *pacto da graça*, desdobrado nos pactos com Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi e, finalmente, em Jesus Cristo (o novo pacto ou aliança). Por isso ele é o Deus dos pactos. Nessas tratativas por meio dos pactos, o que foi iniciado na criação é levado ao seu cumprimento, na consumação.

4.2. O ser de Deus: caráter e essência

Ninguém deseja ser conhecido apenas pelo que faz; esperamos ser amados pelo que somos. Quem somos tem a ver com nosso caráter e essência. O termo “caráter” aponta para “a totalidade dos atributos e traços de personalidade de um indivíduo, particularmente suas atitudes morais, sociais e religiosas”.⁴⁹ “Essência” é “o elemento básico ou primário do ser de uma coisa; a natureza da coisa, ou aquilo sem o qual ela não poderia ser o que é”.⁵⁰

Deus deseja ser amado não apenas por aquilo que ele faz, mas por quem ele é. Fomos criados para amá-lo pelo simples fato de ele ser Deus.

4.2.1. O CARÁTER DE DEUS: SEUS ATRIBUTOS

O caráter de Deus é revelado em seus atributos: autoexistência, imutabilidade, infinidade, unidade, espiritualidade, onisciência, onipotência, veracidade, bondade, santidade, justiça e soberania. Alguns textos da Bíblia revelam tais qualidades divinas. Veja o exemplo a seguir:

E, passando o SENHOR por diante dele, clamou: SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até à terceira e quarta geração! (Êx 34.6-7).

Os atributos de Deus são listados no *Breve Catecismo de Westminster (BCW)*:

Pergunta 4. O que Deus é? **Resposta:** Deus é espírito,^[1] infinito, eterno e imutável em seu ser,^[2] sabedoria,^[3] poder,^[4] santidade,^[5] justiça, bon-

48 McGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 377.

49 VANDERBOS, Gary R. (Org.). *Dicionário de psicologia da American Psychological Association (APA)*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 156.

50 BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 126.

dade e verdade”^[6]. **Referências bíblicas:** ^[1]Jô 4.24; ^[2]Êx 3.14; Sl 145.3; 90.2; Tg 1.17; Ml 3.16; ^[3]Rm 11.33; ^[4]Gn 17.1; ^[5]Ap 4.8; ^[6]Êx 34.6-7.⁵¹

4.2.2. A ESSÊNCIA E AS RELAÇÕES INTERNAS DE DEUS: A TRINDADE

A doutrina da Trindade aborda não apenas as atividades divinas, mas também sua essência ou substância (*ousia*) e as relações entre as pessoas (*hypostasis*) da Divindade.

Em que sentido Jesus é “Filho amado de Deus”, que deve ser “ouvido” (Mt 17.5)? Será que houve uma época em que ele não era Filho? Como entender a declaração de Jesus, de que ele desfrutava da “glória junto do Pai, antes que houvesse mundo” (Jo 17.5)? E quanto ao Espírito Santo, o que significa a declaração de Pedro no sermão do Dia de Pentecostes, de que Jesus, em sua exaltação, “recebeu do Pai” a “promessa” do Espírito, e o “derramou” sobre a Igreja (At 2.33)? Estas questões são respondidas na doutrina da Trindade.

Erickson menciona o Rev. Ricardo Barbosa, afirmando o seguinte:

De fato, podemos descobrir que somos unitaristas praticantes, enfatizando uma das pessoas da Trindade acima das outras. Ricardo de Sousa tem a impressão de que a origem daqueles que dão ênfase ao Pai geralmente está na tradição reformada, enquanto os pietistas tendem a se relacionar especialmente com o Filho, e os pentecostais e carismáticos dão grande atenção ao Espírito Santo.⁵²

A relação equilibrada com as três pessoas da Trindade exige o óbvio, conhecer a doutrina da Trindade. Nela olhamos para Deus mesmo, quem ele é, como ele interage consigo mesmo e com a criação e de que modo esta interação serve de modelo para as relações humanas e o serviço cristão.

O modo como Deus existe internamente, sua essência e as relações entre as pessoas da Trindade é intitulado Trindade *imanente*, como explica McGrath: “A ‘Trindade imanente’ [pode ser entendida] como a diversidade e a unidade de Deus em si mesmo”.⁵³

E DAÍ?

Esta é a principal motivação para o estudo da doutrina da Trindade: conhecer a Deus, amá-lo e servi-lo, tanto pelo que ele faz, quanto por quem ele é.

51 ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. “Breve catecismo de Westminster [BCW], pergunta 4”. In: BEHR, p. 2020.

52 SOUSA, Ricardo Barbosa de. “The Trinity and spirituality”. In: *Journal of Latin American Theology*, v. 1, n° 2, p. 11-4, 2006, apud ERICKSON, op. cit., p. 317.

53 MCGRATH, op. cit., p. 391.

ATIVIDADES

1. Complete a frase. Trindade [é] estado de ser três, quer dizer, _____ Deus em três pessoas.
2. Complete a frase. Triúno identifica o Deus verdadeiro, que é Trino (três pessoas) e _____ (uma só substância indivisível).
3. A palavra “Trindade” não aparece no Antigo Testamento e escritos dos apóstolos, pois os primeiros cristãos não tinham consciência da ação do Deus Trino em suas vidas.
___ Verdadeiro ___ Falso
4. Quando mencionamos a Trindade *econômica*, nos referimos a Deus Pai, Filho e Espírito Santo agindo na História. Ao cogitar sobre a essência divina ou as relações entre Pai, Filho e Espírito Santo, estamos falando sobre a Trindade *imane*nte.
___ Verdadeiro ___ Falso
5. Marque as respostas corretas.
(__) Tiago 1.17 menciona a imutabilidade de Deus.
(__) O atributo divino destacado em Apocalipse 4.8 é a santidade.
(__) Em Gênesis 17.1, lemos sobre o atributo divino da onisciência.
(__) De acordo com Êxodo 3.14, Deus é infinito e eterno.
(__) O atributo de Deus reportado em João 4.24 é a onipotência.

5. As principais declarações trinitárias

A PROFESSORA DE JOÃOZINHO tentou explicar a doutrina da Trindade por meio de exemplos.

— A Trindade é como um ovo: Um único ovo possui casca, clara e gema.

— Mas professora — retrucou o menino — um ovo a gente pode dividir. A senhora não disse que a Divindade não pode ser dividida?

— Certo, certo Joãozinho, então esqueça o exemplo do ovo e pense no seu pai. Para você o seu pai é pai, para sua avó, o seu pai é filho e para os amigos do trabalho, o seu pai é um companheiro que dá força ao grupo — um consolador. A Trindade é assim.

— Mas professora, meu pai, mesmo sendo pai, filho e amigo, continua sendo uma só pessoa. Deus não é três pessoas diferentes?

— Tudo bem Joãozinho, deixe eu dar um outro exemplo. Pense no sol. Deus Pai é como o astro, a estrela em si. Deus Filho, Jesus Cristo, é como os raios do sol, o Mediador que nos traz as bênçãos do Pai, e o Espírito Santo é como o calor produzido pelo sol. Entendeu?

O menino levantou a mão novamente, para desespero da mestra.

— Mas professora, o sol é impessoal. Deus não é um ser pessoal?

A professora pediu ao representante da turma para dirigir um cântico, a fim de buscar socorro na coordenação do departamento infantil.

5.1. Três fatos acerca da Trindade

Contrastando com as ideias pagãs, a Bíblia apresenta Deus como ser único e, ao mesmo tempo, tripessoal. No 2º século, o teólogo norte-africano Tertuliano sugeriu o uso da palavra “Trindade”,⁵⁴ mas as manifestações e revelações de Deus como ser único que subsiste em três pessoas podem ser conferidas no Antigo e Novo Testamentos.

Nesta aula, apresentamos as três principais declarações da doutrina trinitária. Como roteiro utilizaremos o *Credo atanasiano*, produzido provavelmente a partir do 6º século.⁵⁵

1. Deus é Trindade na unidade.

2. O Deus único subsiste em três pessoas distintas.

54 McGRATH, 2005, p. 375; OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001, p. 91-99.

55 JOHNSON, J. F. “Credo atanasiano”. In: ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988, v. 1, p. 364. Joel Beeke e Paulo Smalley sugerem que a doutrina trinitária básica pode ser resumida em nove proposições: “[1] Existe um Deus. [2] O Pai é Deus. [3] O Filho é Deus. [4] O Espírito Santo é Deus. [5] O Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas. [6] O Pai é o Pai do Filho. [7] O Filho é o Filho do Pai. [8] O Espírito é o Espírito do Pai e do Filho. [9] O Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus” (BEEKE, Joel R.; SMALLEY, Paul M. *Teologia sistemática reformada, volume 1*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020, p. 763).

3. As três pessoas da Trindade são iguais em glória, majestade e demais atributos.

5.2. Deus é Trindade na unidade

Deus é Trindade na unidade. Isso quer dizer que há um só Deus; é errado pensar na Trindade como “três deuses”.⁵⁶ Esta afirmação nos ajuda de três formas:

1. Ela nos afasta da idolatria do politeísmo e do erro do triteísmo, a crença que admite a existência de três deuses dentro da Trindade.⁵⁷ Os cristãos creem e cultuam ao único Deus verdadeiro.
2. Ela significa ainda que a substância de Deus é una, simples e indivisível, ou seja, Deus não pode ser dividido em “partes”. Deus Pai não é uma parte de Deus, mas plenamente Deus (o mesmo pode ser afirmado sobre Deus Filho e Deus Espírito Santo).
3. Ela fornece um modelo para a caminhada das igrejas em unidade e diversidade. A união e o trabalho do povo de Deus devem refletir a Trindade.

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e **como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti**, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste (Jo 17.20-21).

Há somente um corpo e um **Espírito**, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só **Senhor**, uma só fé, um só batismo; um só **Deus e Pai** de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos (Ef 4.4-6).

5.3. O Deus único subsiste em três pessoas distintas

O único Deus é tripessoal, ou seja, a essência divina possui três subsistências, Pai, Filho e Espírito Santo. Cada uma delas possui propriedades específicas, ao mesmo tempo em que se relaciona com as outras. Por isso, não é adequado confundir as pessoas da Trindade.⁵⁸

Eis as razões pelas quais afirmamos que Deus é três pessoas:

- Somos afastados do erro do modalismo, a alegação de que há uma só pessoa que aparece a nós de três diferentes modos ou formas.⁵⁹ É incorreto dizer que, em determinadas circunstâncias Deus se revela como

56 BOWMAN JR., Robert M. *Por que devo crer na Trindade: uma resposta às testemunhas de Jeová*. São Paulo: Candeia, 1996, p. 11.

57 De acordo com G. L. Bray, “o triteísmo nunca foi o ensino oficial em nenhuma igreja ou denominação. Na melhor das hipóteses, é um erro que alguns poucos eruditos cristãos cometeram na tentativa de explicar a Trindade.”; cf. BRAY, G. L. “Triteísmo”. In: FERGUSON, op. cit., p. 1170.

58 Cf. CALVINO, *As institutas*, I.xiii.6.

59 GRUDEM, Wayne. *Manual de doutrinas cristãs: teologia sistemática ao alcance de todos*. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 118. O modalismo também é conhecido como sabelianismo, por conta das proposições de Sabélio, presbítero de Roma (220), para quem “o Pai, o Filho e o Espírito são simplesmente ‘máscaras’ ou modos nos quais a única pessoa de Deus é vivenciada pelos cristãos” (HORTON, op. cit., p. 295).

Pai, em outras como Filho, e em outras como Espírito Santo. Ao falar sobre Deus, lembremos de que ele é tripessoal.

- Fazemos jus à Bíblia, que registra as pessoas da Trindade conversando entre si e realizando tarefas distintas.
- Obtemos um modelo perfeito para a dinâmica eclesial. As pessoas da Trindade são diferentes e produtivas em amor. Elas se apreciam mutuamente e cooperam, cada uma, com a realização do propósito divino. Igrejas devem respeitar diversidade enquanto servem em amor mútuo.

Ora, os dons são diversos, mas o **Espírito** é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o **Senhor** é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo **Deus** é quem opera tudo em todos (1Co 12.4-6).

Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo **auxílio de toda junta**, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em **amor** (Ef 4.15-16).

5.4. As três pessoas da Trindade são iguais em glória, majestade e demais atributos divinos

Ainda que distintos, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um único Deus e iguais em glória e majestade. Eles compartilham dos mesmos atributos (por exemplo, o Pai é eterno, o Filho é eterno e o Espírito é eterno, mas não existem três eternos e sim um, e somente um, Deus eterno). Isso equivale a dizer que “cada pessoa é plenamente Deus”.⁶⁰ Como consta no *Breve Catecismo de Westminster*:

Pergunta 6. Quantas pessoas há na Divindade? **Resposta:** Há três pessoas na Divindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e essas três são um Deus, da mesma substância, iguais em poder e glória.^[1]

Referências bíblicas: ^[1]Mt 3.16-17; 28.19; 2Co 13.13; Jo 1.1; 3.18; At 5.3-4; Hb 1.3; Jo 10.30.⁶¹

Essa terceira afirmação é importante porque nos livra do arianismo, doutrina proposta por Ário, presbítero de Alexandria do 3º século, rejeitada como heresia pela Igreja no século seguinte, e que ensina que “existe uma Trindade (*trias*) [...] com glórias desiguais’. [...] ‘o Pai é Deus [mesmo] quando o Filho não existe’”.⁶² Em outras palavras, Jesus não é Deus.⁶³ Essa crença subsiste nas Testemunhas de Jeová, para quem Jesus é uma criatura exaltada, inferior a Deus e o Espírito Santo é uma força ou energia impessoal.

A Bíblia registra tanto Deus Pai, quanto Deus Filho e Deus Espírito Santo, re-

60 GRUDEM, op. cit., p. 117.

61 “BCW, pergunta 6”. In: BEHR, p. 2020.

62 ÁRIO. “Thalia” [poema]. In: WILLIAMS, Rowan. *Arius: Heresy and tradition*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 102, apud HORTON, op. cit., p. 295.

63 GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: dos primórdios ao concílio de Calcedônia*. 2ª ed. revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, v. 1, p. 244-269; BOWMAN JR., op. cit., p. 57-66, 105-116.

cebendo adoração. Desde as suas origens, a Igreja Cristã compreende que o culto devido a um é devido a todos.

Glória seja ao Pai, ao Filho e ao Santo Espírito
Como era no princípio, e hoje e para sempre
Eternamente amém! Amém!⁶⁴

Por fim, somos resguardados do subordinacionismo. “Os subordinacionistas (e arianos) ensinavam que o Filho e o Espírito eram ontologicamente inferiores ao Pai”.⁶⁵ Além dos arianos, o subordinacionismo foi articulado por Orígenes e Eusébio.⁶⁶ Berkhof sugere que tal ensino sobreviveu ao tempo, sendo acolhido por teólogos arminianos e anglicanos.⁶⁷ O mesmo autor argumenta que, biblicamente, não há “subordinação de uma pessoa a outra da Divindade quanto ao ser essencial, e, portanto, nenhuma diferença na dignidade pessoal. [...] A única subordinação de que podemos falar é uma subordinação quanto à ordem e ao relacionamento”.⁶⁸

Do ponto de vista da *imanência*, entre as pessoas da Trindade, a igualdade de essência e dignidade é total. Do ponto de vista da *economia*, as pessoas da Trindade operam a partir do Pai, como explica Horton:

Atributos essenciais são compartilhados igualmente pelas três pessoas. Todas as três pessoas são infinitas, soberanas, amorosas e oniscientes. Todavia, apenas o Pai gera, o Filho é gerado e apenas o Espírito é expirado. [...] Em cada obra externa da Trindade, o Pai é a fonte, o Filho é o mediador e o Espírito é aquele que faz acontecer o efeito intencionado.⁶⁹

Charles Hodge esclarece com detalhes:

Embora o Pai, o Filho e o Espírito sejam iguais em substância, e iguais em poder e glória, não é menos verdade, segundo as Escrituras: (a.) Que o Pai é o primeiro, o Filho o segundo, e o Espírito o terceiro. (b.) O Filho é do Pai [...]; e o Espírito é do Pai e do Filho. (c.) O Pai envia o Filho, e o Pai e o Filho enviam o Espírito. (d.) O Pai opera através do Filho, e o Pai e o Filho operam através do Espírito. Nunca se encontra a recíproca destas afirmações. Nunca se diz que o Filho envia o Pai, nem que opera por meio dele; e jamais se diz que o Espírito envia o Pai ou o Filho, ou que opera por meio deles. [...] na Santa Trindade há uma subordinação das pessoas quanto ao modo de subsistência e operação.⁷⁰

Hodge e Horton ecoam o ensino de Gregório de Nissa: “Cada operação que se estende de Deus à criação [...] tem a sua origem no Pai, avança por meio do

64 Composição do 2º século, Hino 5, “Trindade Adorada”. In: MARRA, Cláudio. (Org.). *Novo cântico*. 16ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 11.

65 HORTON, op. cit., p. 294.

66 HORTON, op. cit., loc. cit.

67 BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 4ª ed. reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 84.

68 BERKHOF, op. cit., loc. cit.

69 HORTON, op. cit., p. 306.

70 HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 335.

Filho e é aperfeiçoada no Espírito Santo”.⁷¹ A percepção desta verdade conduziu Gregório de Nazianzo a expressar-se de maneira sublime: “Logo que concebo o Um, já sou iluminado pelo esplendor dos Três; assim que distingo entre eles, já sou levado ao Um”.⁷²

E DAÍ?

Nesta aula, nós fomos apresentados às três principais declarações da doutrina da Trindade. É recomendável ponderar em cada declaração com vagar, devocionalmente. O Deus Triúno é esplêndido e digno de todo louvor.

A Deus, supremo Benfeitor,
Anjos e homens deem louvor.
A Deus o Filho, a Deus o Pai,
E a Deus Espírito, glória dai.
Amém.⁷³

ATIVIDADES

1. As três principais declarações da doutrina da Trindade são as seguintes:

[1] Deus é Trindade na unidade; [2] o Deus único subsiste em três pessoas distintas e [3] as três pessoas da Trindade são iguais em glória, majestade e demais atributos.

___ Verdadeiro ___ Falso

2. Marque a única resposta correta. Dizer que Deus é Trindade na unidade significa que:

(__) Há três deuses dentro da Trindade.

(__) O ser de Deus é constituído de três substâncias distintas.

(__) A Trindade fornece um modelo para a caminhada da Igreja em unidade e diversidade.

3. Cada pessoa da Trindade possui propriedades específicas, ao mesmo tempo em que se relaciona com as outras. Por isso, não é adequado confundir as pessoas da Trindade.

___ Verdadeiro ___ Falso

4. Marque as respostas corretas. O entendimento da doutrina da Trindade:

(__) Nos afasta da idolatria e do erro do triteísmo.

(__) Nos protege da confusão do existencialismo.

(__) Nos afasta do erro do modalismo.

71 NISSA, Gregório de. “Not three gods”. In: SCHAFF, Philip et al. (Org.). *Nicene and post-nicene fathers*. 2ª série. Grand Rapids: Eerdmans, reimp. 1982, 5:334, apud HORTON, op. cit., p. 305.

72 NAZIANZO, Gregório de. “Oration 40: The oration on holy baptism”. In SCHAFF, op. cit., cap. 41, 7:375, apud HORTON, ibid., p. 297.

73 Hino 6, “Doxologia”. In: MARRA, op. cit., p. 11.

5. Marque as respostas corretas.

- (__) O Pai, o Filho e o Espírito Santo são um único Deus e iguais em glória e majestade.
- (__) De acordo com a doutrina do arianismo, Jesus é Deus.
- (__) O subordinacionismo ensina que o Filho e o Espírito Santo são inferiores ao Pai.

6. As relações dentro da Trindade

AMALA E KAMALA FORAM ENCONTRADAS NA ÍNDIA, em 1920, vivendo com uma família de lobos. A primeira tinha um ano e meio e morreu um ano mais tarde. Kamala, de oito anos de idade, viveu até 1929.

O comportamento de ambas era semelhante aos dos lobos com os quais haviam sido criadas. Eram incapazes de permanecer em pé e caminhavam de quatro. Só se alimentavam de carne crua ou podre. Comiam e bebiam como os animais, lançando a cabeça para a frente e lambendo os líquidos. Na instituição onde foram recolhidas, passavam o dia acabrunhadas e prostradas numa sombra. Eram ativas e ruidosas durante a noite, procurando fugir e uivando como lobos. Nunca choravam ou riam.

Kamala humanizou-se lentamente. Necessitou de seis anos para aprender a andar e, pouco antes de morrer, tinha um vocabulário de cerca de cinquenta palavras. Atitudes afetivas foram aparecendo aos poucos. Chorou pela primeira vez por ocasião da morte de Amala e se apegou lentamente às pessoas que cuidaram dela, bem como a outras com as quais conviveu. Sua inteligência lhe permitiu comunicar-se inicialmente por gestos e depois por palavras de um vocabulário rudimentar, aprendendo a executar ordens simples.⁷⁴

O homem precisa relacionar-se com outros seres humanos. Isso é assim porque fomos feitos à semelhança de Deus, que é relacional.

O desenvolvimento e organização do entendimento sobre as relações dentro da Trindade se deu aos poucos. Admitindo a simplificação, podemos afirmar que os teólogos capadócius Gregório de Nissa, Gregório de Nazianzo e Basílio de Cesareia, bem como João de Damasco, contribuíram para o entendimento da Igreja Oriental das pessoalidades divinas.⁷⁵ Agostinho de Hipona consolidou o entendimento da Igreja Ocidental, articulado no Primeiro Concílio de Constantinopla (381).⁷⁶ Calvino fez uso crítico da posição de Agostinho, endossando entendimentos dos pais capadócius.⁷⁷

Um dos resultados da formulação ortodoxa foi a postulação de que há um movimento eterno dentro da Trindade. Ademais, as pessoas benditas da Trindade interagem entre si eternamente e em amor.

74 LARA, José J. F. *Filosofia da educação*. Disponível em: <<http://educalara.vilabol.uol.com.br/meninaslobo.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2007.

75 Uma vez que estes estudos são introdutórios, recomendamos aos leitores interessados que consultem as obras mencionadas nas referências bibliográficas, para obtenção de conhecimento amplificado e aprofundado da doutrina da Trindade.

76 HORTON, op. cit., p. 296,303. BRAY, G. L. "Trindade". In: FERGUSON, op. cit., p. 1168. A parte final da doutrina da processão do Espírito, a declaração de que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho [*ex patre filioque*], teve contribuição de Agostinho (cf. BRAY, op. cit., p. 1169).

77 HORTON, op. cit., p. 303-304.

6.1. O dinamismo da Trindade

Como podia ser esperado de todo ser inteligente saudável, as pessoas da Trindade se movimentam. Com base nas Escrituras, é possível afirmar que, dentro da Trindade, ocorrem geração e processão, como segue:

Assim, também Cristo a si mesmo não se glorificou para se tornar sumo sacerdote, mas o glorificou aquele que lhe disse: **Tu és meu Filho, eu hoje te gerei** (Hb 5.5).

Quando, porém, vier o Consolador, que eu [Cristo] vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele [do Pai] **procede**, esse dará testemunho de mim (Jo 15.26).

Não parece infundada a proposição de João Damasceno, da pericorese ou circunsessão. A pericorese é um detalhamento da doutrina da Trindade elaborado por alguns teólogos gregos.⁷⁸ Afirmou-se — bíblica e, portanto, acertadamente — que a Trindade pode ser compreendida como “‘uma comunidade do ser’, na qual cada pessoa, apesar de manter sua identidade distinta, abrange as outras, assim como é por elas abrangida”.⁷⁹ O teólogo João Damasceno (c. 675—c. 749) ilustrou esta mútua relação entre as pessoas da Trindade por meio de uma analogia. Para isso ele utilizou o termo pericorese (*perichoresis* em grego; *circumincessio* em latim).

A palavra grega se compõe de três radicais: *Peri* quer dizer “ao redor”, como periferia ou perímetro. A palavra *coram* [...] significa “estar de frente” ou “em face de”, como o coro de cantores que fica de frente para a plateia. E, finalmente, a última parte — *esis* — significa “decorrência”, algo que jorra de uma fonte.⁸⁰

Damasceno explicou a relação trinitária utilizando a figura de uma dança infantil.

A ideia de pericorese [...] vem de uma brincadeira de roda, e nesta brincadeira, uma criança ficava no meio e as outras dançavam ao seu redor, só que aquela que estava no meio não estava excluída da brincadeira, ela fazia parte dela; então por escolha ou verso recitado, a que estava no centro saía, e outra que estava na roda em redor dela ia para seu lugar e aquela que estava no centro ia para a roda.⁸¹

O que aqueles teólogos gregos queriam dizer? Na Divindade “tudo é compartilhado e mutuamente trocado. Pai, Filho e Espírito não representam três

78 As ideias que levaram à organização desta doutrina são encontradas nos escritos de Tertuliano (c. 160—c. 225) e Gregório de Nissa (c. 330—c. 395). Cf. MCGRATH, Alister E. *Uma introdução à espiritualidade cristã*. São Paulo: Vida, 2008, p. 97.

79 MCGRATH, op. cit., p. 98.

80 IPCBPAULISTA. *A comunhão trinitária e seu relacionamento com a igreja e as demais criaturas*. Disponível em: <<http://ipcbpaulista.blogspot.com/2010/05/comunhao-trinitaria-e-seu.html>>. Acesso em: 29 abr. 2022. McGrath (op. cit., p. 97) sugere, para pericorese, o sentido de coinerência.

81 IPCBPAULISTA, op. cit., loc. cit.

compartimentos isolados e divergentes”.⁸² Todas as pessoas da Trindade constituem a Divindade e se envolvem com a criação. Isso é pericorese.

Visto que a pericorese se assemelha a um termo que poderia ser utilizado para uma dança coreográfica; às vezes se emprega esse termo para falar da Trindade como uma coreografia na qual as três pessoas atuam juntas, mas distintamente, como se cada uma dançasse em torno das outras duas. Em todo caso, o princípio da circunsessão, pericorese ou união íntima é a base para a afirmação de que em toda ação de uma pessoa da Trindade as três pessoas estão presentes [...].⁸³

Como os reformadores entenderam esta questão? Lutero evitou qualquer cogitação que fosse além do que é afirmado pelas Escrituras: “Devemos, como fazem as criancinhas, gaguejar o que as Escrituras ensinam: Que Cristo é verdadeiramente Deus; que o Espírito Santo é verdadeiramente Deus; e todavia, não há três Deuses”.⁸⁴ Calvino não utilizou a pericorese para ensinar a doutrina da Trindade, preferindo o conceito agostiniano de apropriação.⁸⁵ De modo geral, os teólogos da Reforma Protestante do século 16 explicaram a Trindade sem usar analogias. Mesmo assim, é bíblico considerar que, uma vez que no ser de Deus tudo ecoa eternamente e, ao mesmo tempo, Deus opera na História, há um movimento eterno na Trindade, no sentido de que Deus Pai gera Deus Filho eternamente e o Espírito Santo procede eternamente de Deus Pai e Deus Filho. A inter-relação mútua entre as pessoas e o movimento contínuo da Trindade asseguram o cumprimento do propósito soberano de Deus na História.

6.2. O modelo relacional da Trindade: amor

Na Trindade há unidade na diversidade, em amor. Isso quer dizer que o Deus nunca se sentiu só; mesmo antes da criação do cosmos, havia amizade e comunicação entre as três pessoas divinas. “Antes dele nada havia; mas ele, enquanto existia sozinho, mesmo assim existia na pluralidade”.⁸⁶

Agostinho contribuiu para o entendimento do Espírito Santo como “fruto do amor mútuo do Pai e do Filho”.⁸⁷ Ricardo de São Vítor argumentou “em favor de uma Trindade social na qual o relacionamento das pessoas seria paradigmático ao da sociedade humana na terra”.⁸⁸ No Novo Testamento há afirmações sobre o amor do Pai pelo Filho, bem como sobre o Espírito Santo como fonte e agente de amor e de unidade.

E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho **amado**, em quem **me comprazo** (Mt 3.17).

82 MCGRATH, op. cit., loc. cit.

83 GONZÁLEZ, 2009, p. 68.

84 LUTHER, Martin. “Works, v. XIII, p. 1510”, apud HODGE, op. cit., p. 350.

85 CALVINO, *As institutas*, I.xiii.19; MCGRATH, op. cit., loc. cit.

86 Hipólito. “Contra Noecio, 10”, apud BOWMAN JR., op. cit., p. 32-33.

87 Ibid., loc. cit.

88 Ibidem.

O Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às suas mãos (Jo 3.35).

Esforçando-vos diligentemente por preservar a **unidade do Espírito** no vínculo da paz (Ef 4.3).

O qual também nos relatou do vosso **amor no Espírito** (Cl 1.8).

Mas o **fruto do Espírito** é: **Amor**, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei (Gl 5.22-23).

A Bíblia diz que Deus é amor (1Jo 4.8). “Deus ama de maneira absoluta e sem compulsão pelo objeto do seu amor [...], em liberdade perfeita”.⁸⁹ Por conta do amor dele, nós somos feitos seus filhos, também orientados para amar (1Jo 3.1; 4.16-21). Horton nos ajuda a entender que a relação entre o amor de Deus por nós e o amor entre Pai, Filho e Espírito Santo, na comunhão da Trindade.

Sempre que Deus age em favor das criaturas, a razão é a satisfação completa que ele já desfruta como Trindade. O Filho eternamente gerado pelo amor do Pai vive do amor do Pai, mas o Pai é como é porque ele tem um Filho, e no Espírito o Pai e o Filho não apenas têm uma terceira pessoa para amar, mas alguém que retribui o amor deles e traz criaturas pecadoras para o círculo dessa comunidade amorosa. [...] Nessa eterna troca intratrinitariana, nenhuma das pessoas nunca é ignorada. Não há o temor estoico de confiar a própria felicidade ao outro.⁹⁰

Dito de outro modo, o amor mútuo entre as benditas pessoas da Trindade é fonte e, ao mesmo tempo, padrão para o amor humano, ou, como diz Horton, no que diz respeito ao amor, “Deus é o original; nós somos a cópia”.⁹¹

E DAÍ?

Nós acolhemos a doutrina da Trindade satisfazendo-nos com aquilo que a Escritura revela sobre o Deus Uno e Trino, e devotando-nos a amá-lo e servi-lo.

Assim, ao Rei **eterno**, imortal, invisível, **Deus único**, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém! (1Tm 1.17).

Na próxima aula, seremos beneficiados olhando para o que foi ensinado sobre a Trindade, por nossos irmãos fiéis do passado.

89 HORTON, op. cit., p. 280,281.

90 Ibid., p. 281.

91 Ibid., p. 280.

ATIVIDADES

1. Uma vez que Deus é imutável, é correto afirmar que a Trindade é estática — não há movimento nem interação entre as pessoas divinas.
___ Verdadeiro ___ Falso
2. Marque as respostas corretas.
(__) Dentro da Trindade, ocorrem geração e processão.
(__) Para João Damasceno, na Divindade tudo é compartilhado e mutuamente trocado. Pai, Filho e Espírito não representam três compartimentos isolados e divergentes. Ele chamou isso de pericorese.
(__) Os teólogos da Reforma Protestante se esforçaram para explicar a Trindade usando muitas ilustrações e analogias.
3. Agostinho contribuiu para o entendimento do Espírito Santo como fruto do amor mútuo do Pai e do Filho.
___ Verdadeiro ___ Falso
4. O amor mútuo entre as pessoas da Trindade não contribui para a compreensão e prática do amor humano.
___ Verdadeiro ___ Falso

7. O ensino da Trindade em alguns credos

A MODA DITA AS TENDÊNCIAS DE CONSUMO de uma sociedade. Uma vez que a moda é ligada às coisas atuais, pessoas guiadas por modismos tendem a desvalorizar o que é antigo.

Hodge não está errado quando sugere que alguns aspectos da doutrina da Trindade não podem ser exaustivamente compreendidos ou explicados.⁹² Por outro lado, Deus guiou a Igreja providencialmente, conduzindo-a ao refinamento e organização das verdades bíblicas. Como cristãos históricos, entendemos que é sábio prestar atenção no que foi ensinado pelos cristãos do passado.

7.1. Os credos são informação trinitária organizada

Desde seus primeiros passos, a Igreja desenvolveu fórmulas batismais que confirmavam o novo cristão na crença em Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Com o passar do tempo, foi necessário organizar as informações bíblicas sobre o ser divino. Foram realizadas reuniões, os concílios, com a finalidade de sistematizar a doutrina da Trindade. Surgiram os documentos oficiais referentes ao assunto, denominados símbolos ou credos ecumênicos.

O termo “credo” decorre das palavras iniciais “eu creio”, constantes em tais formulações.

Os credos foram formulados somente depois de certos falsários astutos terem introduzido modos novos de explicar os relacionamentos entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, modos estes que subvertiam a fé bíblica e que impediam as pessoas de realmente conhecerem a Deus. Para deixar claro exatamente como essas negações astutas da doutrina bíblica estavam erradas, era necessário que a Igreja definisse de modo formal suas crenças nessas coisas.⁹³

Você conhece alguém que se diz cristão e, ao mesmo tempo, despreza os símbolos ou credos? No 16^o século, Miguel de Serveto rejeitou a teologia trinitária dos credos e disse que era necessária uma purificação de tais “corrupções”.⁹⁴ Ele propôs que a doutrina da Trindade não era útil para o cumprimento da missão da Igreja. Com a eliminação desse dogma, ocorreria uma “restituição do cristianismo primitivo, acelerando também a conversão [...] de judeus e muçulmanos”.⁹⁵ Ele foi condenado como herege tanto pela Igreja Católica quanto pela Igreja Protestante, mas ainda assim, seu ensino e influência permaneceram.

A partir do século 17, movimentos dissidentes “rejeitaram a subscrição aos

92 HODGE, op. cit., p. 351-358.

93 BOWMAN JR., op. cit., p. 17-18.

94 BREWARD, op. cit., p. 1176.

95 Ibid., loc. cit.

credos e confissões, como não escriturísticos”.⁹⁶ Os resultados dessa atitude, a partir do século 19, podem ser conferidos, como segue:

Congregações presbiterianas inteiras na Inglaterra e na Irlanda, por sua vez, afastaram-se da ortodoxia de Westminster para um cristianismo menos dogmático e mais simplesmente bíblico. [...] Isso abriu a porta para a entrada de novas ideias filosóficas, científicas e religiosas, com a autoridade da razão e da experiência recebendo valor cada vez maior.⁹⁷

Isso favoreceu o unitarismo que, por sua vez, descambou em liberalismo teológico.⁹⁸ Mesmo cristãos assumidamente evangélicos desprezam os credos. Um pesquisador chega ao ponto de afirmar que não temos nenhum compromisso com tais formulações.

Nosso compromisso não é com os conceitos usados na época dos concílios, mas com o que a Bíblia testemunha: O encontro com o próprio Deus. Não temos de crer na doutrina (nicena) da Trindade; antes, devemos empenhar tudo em encontrar integralmente o Deus que se nos revela de modo tríplice.⁹⁹

Isso parece espiritual, porém é perigoso. Seremos nós orgulhosos ao ponto de desprezar a sabedoria teológica daqueles que foram fiéis às Escrituras no passado? Pior, a expressão “o Deus que se nos revela de modo tríplice” nos faz lembrar da heresia modalista. Deus não é uma pessoa que se “revela de modo tríplice”, mas uma Trindade na unidade.

De modo geral, os reformadores aceitaram as afirmações doutrinárias do *Credo apostólico* e do *Credo niceno*. Eles são chamados de ecumênicos porque foram produzidos antes dos grandes cismas da Igreja (até o século 4º) e, portanto, são aceitos pelas igrejas do Oriente e do Ocidente.

7.2. O *Credo apostólico*

A fórmula batismal mais antiga da Igreja, intitulada inicialmente *Antigo símbolo romano* (R), é hoje conhecida como *Credo apostólico*.¹⁰⁰

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso criador do céu e da terra.

96 Ibidem.

97 Ibid., p. 1177. Essa suposta busca por “simplicidade” representou, na verdade, uma guinada da Igreja rumo à heterodoxia.

98 J. I. Packer nos ajuda a compreender que o liberalismo teológico é caracterizado por sete aspectos: (1) Os dogmas tradicionais são rejeitados e a fé bíblica é adaptada a fim de combinar com as ideias naturalistas e antropocêntricas atuais; (2) o sobrenaturalismo é repellido; (3) a Bíblia é vista apenas como um livro humano e que contém erros; (4) assume-se “uma ideia, de ordem imanentista e subtrinitariana” e concebe-se Jesus “como pioneiro e modelo religioso, homem supremamente cheio de Deus, em vez de o salvador divino”; (5) uma visão otimista da capacidade humana; (6) a negação da doutrina da depravação total. Cf. PACKER, “Liberalismo e conservadorismo em Teologia”. In: FERGUSON, op. cit., p. 614-615.

99 SCHWARZ, Christian A. *Nós diante da Trindade: o poder libertador da fé no Deus Triúno*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999.

100 GONZÁLEZ, op. cit., p. 143. O mesmo autor (ibid., loc. cit.) argumenta que o *Credo* foi utilizado

Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao céu; está assentado à mão direita de Deus Pai Todo-poderoso, de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo; na santa Igreja universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém.¹⁰¹

No *Credo apostólico*, cada bloco de declarações (iniciado com “creio”) relaciona-se com uma pessoa da Trindade. São destacadas as ações divinas, da criação até a consumação. A necessidade de desenvolvimentos relativos à Trindade imanente e de combate ao arianismo encaminhou a Igreja para a discussão que imbricou no *Credo niceno*.

7.3. O *Credo niceno*

O Concílio de Niceia (325), também conhecido como Primeiro Concílio Ecumênico, encaminhou o *Credo niceno*. O Segundo Concílio Ecumênico, realizado em Constantinopla (381) adicionou declarações sobre o Espírito Santo e modificou o parágrafo final do texto de Niceia.¹⁰²

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus: E se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e seu reino não terá fim.

“como um modo de garantir a ortodoxia do recém batizado”. McGrath afirma que o *Credo Apostólico* é “o mais simples e mais antigo credo da Igreja. Todas as tradições cristãs reconhecem a importância e a autoridade dele como padrão de doutrina” (cf. MCGRATH, Alister. *Creio: um estudo sobre as verdades essenciais da fé cristã no Credo apostólico*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 16).

101 “O *Credo apostólico*”. In: MARRA, op. cit., p. 347.

102 O texto chegou à forma acima somente no 6º século, possuindo três camadas editoriais, quais sejam: (a) a composição original de Niceia; (b) as adições e edições de Constantinopla e (c) a adição “e do Filho” na frase concernente ao Espírito Santo, aprovada pelo Concílio de Toledo (589) a partir de uma formulação de Agostinho (cf. nota de rodapé 77). Sendo assim, alguns acham mais correto identificar o documento de 325 como *Credo niceno*, e o de 381 como *Credo niceno-constantinopolitano*. Horton explica que “a igreja Ocidental adotou o texto emendado — e isso foi uma causa importante do cisma Oriente-Occidente em 1054” (HORTON, op. cit., p. 321; cf. HODGE, op. cit., p. 344). Se isso não bastasse, debate-se hoje se o texto de Constantinopla é, de fato, uma revisão do de Niceia; cf. “Credo niceno”. In: *Wikipédia*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Credo_Niceno>. Acesso em: 05 mai 2022.

Creio no Espírito Santo, **Senhor, que dá a vida, e procede do Pai (e do Filho); e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos Profetas.**

Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica.

Professo um só batismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém.¹⁰³

O *Credo niceno* contém informação que não aparece no *Credo Apostólico*:

- Jesus Cristo é o “Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai”. Isso foi incluído para combater três afirmações falsas, quais sejam: (1) Jesus Cristo não é da mesma substância de Deus; (2) ele é a mais alta criatura de Deus e (3) ele teve um início.
- O Espírito Santo é “Senhor, que dá a vida, e procede do Pai (e do Filho); e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos Profetas”. Isso foi incluído para combater dois ensinamentos equivocados: (1) O Espírito Santo não é um ser pessoal e (2) o Espírito Santo não é Deus.

7.4. O *Credo atanasiano*

O *Credo atanasiano* difere dos anteriores por não ser ecumênico, uma vez que foi produzido provavelmente no 6º século e não é usado pela igreja Oriental.¹⁰⁴ Ele é mencionado aqui por conta de sua qualidade doutrinária.

Seu título é uma deferência a Atanásio, bispo de Alexandria (c. 296, † 2 de maio de 373) e remonta a controvérsias relacionadas ao triteísmo e à “constituição da pessoa de Cristo”.¹⁰⁵

Quem quiser ser salvo, antes de tudo tem de defender a fé católica, a qual, a não ser que alguém preserve íntegra e inviolável, sem dúvida perecerá eternamente.

Mas esta é a fé católica, que adoramos a um só Deus em Trindade, e a Trindade em unidade. Nem confundindo as pessoas nem dividindo a substância. Porque a pessoa do Pai é uma; a do Filho é outra; e a do Espírito Santo, outra. Mas a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo é uma, igual em glória, igual em majestade.

Assim como é o Pai, assim é o Filho, e assim é o Espírito Santo. O Pai não é criado, o Filho não é criado e o Espírito Santo não é criado. O Pai é infinito, o Filho é infinito e o Espírito Santo é infinito. O Pai é

103 OLSON, 2001, p. 199-200. As partes em **negrito** são acréscimos de Constantinopla; a em **negrito e itálico** procede do Concílio de Tolet. No texto de Niceia, depois da declaração sobre o Espírito, consta um fechamento que condena o arianismo, como segue: “E quem quer que diga que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia, ou que antes que fosse gerado ele não existia, ou que ele foi criado daquilo que não existia, ou que ele é de uma substância ou essência diferente (do Pai), ou que ele é uma criatura, ou sujeito à mudança ou transformação, todos os que falem assim, sejam anatematizados pela Igreja Católica”; cf. *Wikipédia*, op. cit., loc. cit.

104 HORTON, op. cit., p. 302.

105 *Ibid.*, loc. cit.; HODGE, op. cit., p. 344.

eterno, o Filho é eterno, e o Espírito Santo é eterno. Não há três seres eternos, mas um só ser eterno. E no entanto, não há três seres não criados, nem três seres infinitos, mas um só ser não criado e infinito. Da mesma forma, o Pai é onipotente, o Filho é onipotente, e o Espírito Santo é onipotente. [Contudo, não há três seres onipotentes, mas um só ser onipotente.] Portanto, o Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus. E no entanto não há três Deuses, mas um só Deus. O Pai é Senhor, o Filho é Senhor, e o Espírito Santo é Senhor. Não obstante, não há três Senhores, mas um só Senhor. Porque, como somos impelidos pela verdade cristã a confessar cada pessoa de maneira distinta como Deus e Senhor, somos proibidos pela religião católica de dizer que há três Deuses, ou três Senhores.

O Pai não é feito por ninguém, nem criado, nem gerado. O Filho é somente do Pai, não foi feito nem criado, mas gerado. O Espírito Santo não é criado pelo Pai e pelo Filho, nem gerado, mas procedente. Por isso há um Pai, não três Pais; um Filho, não três Filhos; um Espírito Santo, não três Espíritos Santos. E nesta Trindade nada é anterior nem posterior; nada maior nem menor, mas todas as três pessoas são coeternas e coiguais a si próprias. De maneira que, em tudo, como já se disse anteriormente, deve-se adorar a unidade na Trindade e a Trindade na unidade. Todo aquele que quiser ser salvo, que assim pense acerca da Trindade.

Entretanto, é necessário para a salvação eterna crer também fielmente na humanidade de nosso Senhor Jesus Cristo. Esta é, portanto, a fé verdadeira: Crermos e confessarmos que nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, é Deus e Homem. É Deus da substância do Pai, gerado antes dos tempos, e Homem da substância de sua mãe, nascido no tempo; Deus perfeito e Homem perfeito, subsistindo em alma racional e carne humana.

Igual ao Pai segundo a divindade e menor do que o Pai segundo a sua humanidade. Ainda que seja Deus e Homem, nem por isso são dois, mas um único Cristo. Um só, não pela transformação da Divindade em humanidade, mas mediante a recepção da humanidade na Divindade. É, de fato, um só, não pela fusão das duas substâncias, mas por unidade de pessoa. Pois, assim como corpo e alma racional constituem um único homem, Deus e homem é um único Cristo, o qual padeceu pela nossa salvação, desceu ao inferno, no terceiro dia ressuscitou dos mortos. Subiu ao céu, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. E quando vier, todos os homens hão de ressuscitar com os seus corpos e dar contas de seus próprios atos, e aqueles que fizeram o bem irão para a vida eterna, mas aqueles que fizeram o mal, para o fogo eterno.

Esta é a verdadeira fé cristã. Aquele que não crer com firmeza e fidelidade, não poderá ser salvo.¹⁰⁶

106 Ibid., p. 344-345; IELB — Igreja Evangélica Luterana no Brasil. *O que cremos: os credos ecumênicos*. Disponível em: <<http://www.ielb.org.br/cremos/credos.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

É importante esclarecer que os credos não foram escritos para se sobrepor à Bíblia, mas como sumários da doutrina sadia. Tais documentos ajudavam os cristãos no entendimento da doutrina e possuíam uma autoridade “como a luz da lua comparada à do sol — glória refletida”.¹⁰⁷ Independentemente das motivações que moveram os concílios para a escrita dos credos, quanto ao conteúdo doutrinário eles descrevem o ser de Deus bíblica, acertada e suficientemente.

E DAÍ?

A providência divina guiou a Igreja na produção dos credos cujos conteúdos são fiéis ao ensino da Bíblia. Agradecemos a Deus, por guiar os cristãos do passado na escrita dos credos ecumênicos.

ATIVIDADES

1. Os credos são documentos oficiais da Igreja, produzidos com a finalidade de organizar as doutrinas cristãs.
___ Verdadeiro ___ Falso
2. Complete a frase: [No *Credo Apostólico*] são destacadas as _____ divinas, da criação até a consumação.
3. O *Credo Niceno* acrescenta informações sobre a Trindade, para combater falsos ensinamentos sobre Jesus Cristo e sobre o Espírito Santo.
___ Verdadeiro ___ Falso
4. O *Credo Atanasiano* é popular, mas contém erros sobre a doutrina da Trindade.
___ Verdadeiro ___ Falso
5. Os credos possuem a mesma autoridade da Bíblia, como sumários úteis da doutrina sadia.
___ Verdadeiro ___ Falso

107 OLSON, Roger. *História das controvérsias na teologia cristã: 2000 anos de unidade e diversidade*. São Paulo: Vida, 2004, p. 77.

8. A Trindade no Antigo Testamento: o vocabulário bíblico

PALAVRAS SÃO DÁDIVAS. Ao serem articuladas como prosa, elas explicam o mundo. Como poesia, iluminam e enlevam. Somos tocados por seu ritmo, lá onde a casa é descrita como “um lar” e a esposa, como “amada”.

As palavras de Deus na Escritura comunicam verdade e graça. Na Bíblia, Deus nos fala em prosa e verso. Cada vocábulo é precioso e digno de ser estudado. Conhecemos quem Deus é atentando para as palavras divinas.

8.1. A acomodação e a revelação orgânica e progressiva sobre a Trindade

Deus se revela a nós como Trindade por meio de “acomodação”. Deus adapta sua linguagem, para que possamos compreendê-lo. Ele se dirige a nós assim como um pai a seu filho, um professor aos seus alunos, ou um orador a seus ouvintes. McGrath explica isso da seguinte forma:

A distância que existe entre o orador e o ouvinte deve ser superada, para que haja comunicação. Deus desceu até nós no processo da revelação. Assim como a mãe se inclina para pegar seu filho ao colo, Deus também se inclina até o local em que nos encontramos.¹⁰⁸

Calvino afirma que “Deus fala conosco como que a balbuciar, como as amas costumam fazer com as crianças”.¹⁰⁹ Ele procede deste modo devido “à pobreza de nossa compreensão. Para que assim suceda, é necessário que ele desça muito abaixo de sua excelsitude”.¹¹⁰ Isso quer dizer que a revelação que nos chega da parte de Deus na Escritura, advém de sua iniciativa livre e bondosa. Não se trata de revelação exaustiva, mas suficiente. Deus nos mostra aquilo que precisamos conhecer para que sejamos salvos, santificados e consolados.

A mostra da verdade sobre a Trindade progride na Escritura, ganhando conteúdo e clareza conforme a revelação avança do Antigo para o Novo Testamento (figura 7). O Antigo Testamento contém a semente da árvore que aparece desenvolvida no Novo Testamento. Assim como uma semente não se parece com uma árvore adulta, o que consta no Antigo Testamento sobre a Trindade nem sempre é evidente. No Antigo Testamento a Trindade não é expressa, apenas sinalizada, mesmo assim, nessa semente são verificáveis evidências da pluralidade de pessoas no Deus único.

108 MCGRATH, 2005, p. 308. Sou grato a meu mui douto amigo, Alain Paul Laurent Rocchi, por chamar minha atenção para a importância da doutrina da acomodação nos escritos de Calvino.

109 CALVINO, *As institutas*, I.xiii.1.

110 CALVINO, op. cit., loc. cit.



Figura 7. A revelação progressiva sobre a Trindade.

Ainda que não forneça base para a formulação e organização de uma doutrina trinitária completa, o Antigo Testamento contém material trinitário suficiente.¹¹¹ Esse entendimento conduz os cristãos a lerem o Antigo Testamento à luz do Novo Testamento. Isso explica por que, onde um leitor cristão divisa um sinal da Trindade no Antigo Testamento, um rabino do Judaísmo pode observar um construto completamente diferente.¹¹²

8.2. Vestígios da Trindade no Antigo Testamento

A crença no Deus Triúno não fere os ensinamentos do Antigo Testamento. De acordo com Stanley Rosenthal, a proposição de um Deus único e Trino “de maneira nenhuma indica a crença na existência de três deuses; antes, indica uma crença em total consonância com os ensinamentos da lei e dos profetas”.¹¹³

O entendimento cristão da Trindade é favorecido por quatro blocos de informação do Antigo Testamento: vocabulário bíblico; manifestações do Anjo do SENHOR; referências ao Messias e atividades criadoras e providenciais do Espírito Santo. No restante desta aula, olharemos para o vocabulário bíblico. A unidade plural de Deus é sugerida pelo uso peculiar de algumas palavras (substantivos, pronomes, adjetivos e verbos plurais).

8.2.1. O TERMO TRADUZIDO COMO “ÚNICO” NA DECLARAÇÃO ŠEMĀ’

A declaração šemĀ’ é uma das principais afirmações do Antigo Testamento acerca da singularidade de Deus. Wilson afirma que trata-se do “credo por excelência do Judaísmo. Seguindo a instrução de Deuteronômio 6.7, é recitado pela manhã e à noite como um dever e proclamação de fé”.¹¹⁴ O termo šemĀ’ significa “ouve” ou “escuta”, como segue:

111 BRAY sublinha que “tem sido debatido se a Trindade aparece de alguma forma no Antigo Testamento” (op. cit., p. 1166). A leitura trinitária do Antigo Testamento é não apenas possível, mas necessária como bom exercício da Teologia Bíblica.

112 O mesmo acontece com diferentes temas cristãos. Por exemplo, judeus e cristãos leem Isaías 53 e chegam a conclusões muito diferentes sobre a figura do Messias; cf. BOCK, Darrell L.; GLASER, Mitch. (Org.). *O servo sofredor: a interpretação de Isaías 53 nas teologias judaica e cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015; e ainda, BOCK, Darrell L.; GLASER, Mitch. (Org.). *O Messias na Páscoa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020.

113 ROSENTHAL, Stanley. *A tri-uniidade de Deus no Velho Testamento*. São Paulo: Fiel, [199-?], p. 1-2.

114 WILSON, Marvin R. “Sema”. In: VANGEMEREN, Willem A. (Org.). *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 4, p. 1202.

Ouve [šemăʿ], Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o **único** [ʿeḥād] SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força (Dt 6.4-5).

Deus é único; as portas estão fechadas para o politeísmo. O detalhe, porém, está na palavra *ʿeḥād*, traduzida como “único”. Na *Bíblia hebraica*, esse termo é usado para expressar unidade coletiva. Ele é traduzido por “primeiro” em Gênesis 1.5, referindo-se à luz e trevas, manhã e tarde. Em Gênesis 2.24, a palavra está presente na frase “uma só carne” (uma unidade constituída de duas pessoas). Em Números 13.23, a expressão encontra-se em “um cacho” (constituído de várias uvas). Em Esdras 2.64, a palavra indica uma só congregação de mais de 40 mil pessoas. O profeta Jeremias faz referência (Jr 32.38-39) a “um só coração” e “um só caminho” de toda a nação de Israel.

Como afirma Wilson:

Vários intérpretes cristãos insistem que *ʿeḥād* não é, obrigatoriamente, uma só unidade, como uma pessoa; *ʿeḥād* também pode ser usado para especificar uma unidade composta na qual “um” pode ser tanto um só quanto muitos ao mesmo tempo (Gn 2.24; Ez 37.17). Ao reconhecerem a “diversidade dentro da unidade”, alguns estudiosos cristãos argumentam que o monoteísmo trinitariano pode ser encaixado no *ʿeḥād* do *šemăʿ*.¹¹⁵

A língua hebraica possui outra palavra, *yehîd*, para expressar singularidade absoluta (Gn 22.2; Jz 11.34; Sl 22.20 — no original, “minha única alma ou vida”; Pv 4.3; Jr 6.26; Am 8.10; Zc 12.10). O que se verifica é que, no *šemăʿ*, Deus conduziu seus servos a comunicar a ideia de “único” utilizando o vocábulo *ʿeḥād* (único coletivo) e não *yehîd* (único singular). Isso abriu as portas para os intérpretes cristãos cogitarem uma “diversidade dentro da unidade”¹¹⁶ divina.

8.2.2. O NOME MAIS SIMPLES USADO PARA REPRESENTAR DEUS

No Antigo Testamento, Deus é chamado de *ʿel* e *ʿĒlō·hîm*. Os termos são sinônimos, sendo *ʿĒlō·hîm* o plural de *ʿel*. Bavinck nos informa que “o singular, raramente usado, é poético [...]; o plural é o nome comum de Deus”.¹¹⁷ O uso desta designação plural é entendido pelo mesmo autor como “para se referir a uma entidade ilimitada [...], ou como um plural intensivo que serve para expressar plenitude”.¹¹⁸ *ʿĒlō·hîm* denota “Deus como plenitude de vida e poder. [...] De fato, ela [essa designação] expressa a ideia de transcendência absoluta com respeito a todo o Universo”.¹¹⁹ Rosenthal parece sublinhar a ligação de *ʿel* com *ʿûl*, “aquele que é forte” ou “onipotente”.¹²⁰

115 WILSON, op. cit., p. 1203.

116 WOLF, Herbert. “*ahad*”. In: LAIRD HARRIS, R.; ARCHER, JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 47-49; GILCHRIST, Paul R. “*yāhîd*”. In: LAIRD HARRIS; ARCHER, JR.; WALTKE, op. cit., p. 608-609.

117 BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada: Deus e a criação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, v. 2, p. 141.

118 BAVINCK, op. cit., p. 142.

119 Ibid., loc. cit.

120 ROSENTHAL, op. cit., p. 6; cf. BAVINCK, v. 2, p. 141. Para Berkhof, “o plural deve ser consi-

O fato é que os intérpretes se esforçam por lidar com este dado textual. No Antigo Testamento, *Ēlō·hîm*, nome plural de Deus, “quase sempre ocorre com um adjetivo ou verbo no singular”.¹²¹ Nós encontramos um exemplo disso em Êxodo 20.2-3: “Eu sou o SENHOR, teu **Deus** [*Ēlō·hîm*], que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros **deuses** [*Ēlō·hîm*] diante de mim” (Êx 20.2-3). Nessa passagem, a primeira ocorrência de *Ēlō·hîm* (v. 2) é traduzida como singular, ligando-se com o artigo definido masculino singular “o”. A segunda ocorrência do mesmo vocábulo hebraico (v. 3) é traduzida como plural, harmonizando com o pronome plural “outros”. A conclusão de Rosenthal é pertinente: “Gramaticalmente, no hebraico pelo menos, seria igualmente aceitável ter sido traduzida essa passagem como: “Eu sou o SENHOR teus Deuses [...]. Não terás outros deuses diante de mim”.

Deve ser ressaltado que nem todos os estudiosos concordam com esta leitura trinitária de *Ēlō·hîm*,¹²² proposta por Rosenthal. Parece-nos, no entanto, digno de nota que o Deus único, revelado no Antigo Testamento, seja identificado com um termo que expressa pluralidade.

8.2.3. O USO DE OUTROS TERMOS NO PLURAL

Um terceiro dado significativo do Antigo Testamento é o uso, nas referências a Deus, de outros termos no plural, especialmente no livro de Gênesis.

Também disse Deus: **Façamos** o homem à **nossa** imagem, conforme a **nossa** semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou (Gn 1.26-27).

Então, disse o SENHOR Deus: Eis que o homem se tornou como um de **nós**, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. O SENHOR Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado (Gn 3.22-23).

E o SENHOR disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer. Vinde, **desçamos e confundamos** ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro. Destarte, **o SENHOR** os dispersou dali pela superfície da terra; e cessaram de edificar a cidade (Gn 11.6-8).

Em todos os textos acima há uma decisão seguida de uma ação. Observe-se o pronome pessoal plural, “nós”, o adjetivo possessivo plural “nossa” e os verbos também plurais “façamos”, “desçamos” e “confundamos”. Verifique-se ainda que, em Gênesis 1, os substantivos “imagem” e “semelhança” estão no singular. No fim das contas, o agente único da criação do homem é Deus. Se-

derado como intensivo e, portanto, serve para indicar plenitude de poder”; cf. BERKHOF, op. cit., p. 48.

121 Ibid., p. 142.

122 É o caso de BAVINCK, v. 2, p. 141.

melhantemente, é o SENHOR quem lança o primeiro casal para fora do Éden e dispersa as nações em Babel. O único Deus faz todas essas coisas e ele é referido no plural.

Estudiosos contestam esta interpretação. Sugerem que nestas ocorrências “Deus está se dirigindo aos anjos ou à corte celestial”.¹²³ Quanto a esse ponto de vista, nos parece sábio atentar para a opinião de Calvino sobre Gênesis 1.26:

Sabendo-se que o Senhor não carece de nenhum outro conselheiro, não resta dúvida que tenha consultado a si mesmo. [Alguns escritores judeus], porém, são ridículos ao máximo ao suporem que Deus entabulou diálogo com a Terra ou os anjos. É óbvio que a Terra seria uma excellentíssima conselheira! Mas atribuir a menor parcela de uma obra tão excelente aos anjos é sacrilégio abominável. Onde será mesmo que eles descobriram que fomos criados à imagem da Terra ou de anjos? [...] Outros, que se consideram mais perspicazes (mas são duas vezes mais ignorantes), sustentam que Deus fazia referência a si mesmo no plural, conforme o hábito dos dignatários — como se esse estilo bárbaro de expressão, posto em uso há uns poucos séculos, predominasse desde então no mundo! [...] Os cristãos, no entanto, defendem acertadamente o testemunho de que há em Deus uma multiplicidade de pessoas.¹²⁴

Outro teólogo da Reforma, Wolfgang Musculus, nos ajuda a entender por que esta ideia — de Deus conversar com anjos, em Gênesis 1.26 — contraria a doutrina sadia:

Alguns afirmam ter Deus assim falado aos anjos, como se desejasse empregar os serviços angelicais para criar a humanidade. [...] Caso os anjos tivessem produzido a nossa natureza, como haveríamos de negar-lhes a honra da adoração e culto devidos àqueles que nos criaram e fizeram? [...] Se Deus tivesse recorrido aos anjos, agora os teríamos não só como nossos criadores, mas também como nossos arquétipos, de sorte que teríamos sido criados não apenas à imagem de Deus, mas também à imagem de anjos.¹²⁵

Daí a conclusão daquele teólogo: “Assim expressou Deus Pai o seu aconselhar-se com o Verbo e o Espírito. [...] Moisés [escreve] ‘disse Deus: Façamos o homem’, assentindo assim na comunhão das obras da Trindade Santa sem, ao mesmo tempo, eclipsar a unidade divina”.¹²⁶

Ao comentar Gênesis 3.22, outro servo de Deus afirma que “‘como um de nós’ é dito no plural ou por causa do mistério da Trindade ou por causa da dignidade da natureza divina”.¹²⁷

123 WALTKE, Bruce K. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 75 (Comentários do Antigo Testamento). Deve ser dito que, para Waltke, isso acontece especialmente em Gênesis 3.22; 11.7.

124 CALVINO, João. “Comentário de Gênesis 1.26”, apud THOMPSON, John L. (Org.). *Comentário bíblico da Reforma: Gênesis 1—11*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 102.

125 MUSCULUS, Wolfgang. “Comentário de Gênesis 1.26-27”, apud THOMPSON, op. cit., p. 101-102.

126 Ibid., p. 102.

127 VERMIGLI, Pedro Mártir. “Comentário de Gênesis 3.22”, apud *ibid.*, p. 228.

Por fim, André Willet enxerga a Trindade em Gênesis 11.7:

O Senhor não está falando aqui aos anjos [...]. Em vez disso, esta é uma consulta entre as pessoas da Trindade, como é dito no v. 8, “o SENHOR os dispersou”, e esta fala corresponde à de Gênesis 1.26, na criação da humanidade: “Façamos o homem”. Aqueles a quem Deus fala aqui são tratados como iguais a ele, no mesmo nível: “Vinde, desçamos”.¹²⁸

Resumindo, o uso de tais vocábulos não ocorreu por acidente. O Espírito Santo gerenciou cada detalhe da produção das Escrituras (2Tm 3.16). Desde o Antigo Testamento, Deus se revela como único e, ao mesmo tempo, plural.

E DAÍ?

O Deus verdadeiro, Uno e Trino, se revela nas Escrituras. Nós podemos e devemos agradecer a Deus por cada palavra da Bíblia.

ATIVIDADES

1. O que é sugerido no Antigo Testamento é expresso no Novo.

___ Verdadeiro ___ Falso

2. O Antigo Testamento fornece quatro blocos de informação sobre a Trindade: palavras que descrevem o ser de Deus (o vocabulário bíblico); manifestações do Anjo do SENHOR; referências ao Messias e atividades criadoras e providenciais dos profetas.

___ Verdadeiro ___ Falso

3. Marque as respostas corretas:

(__) O termo *šemāʿ* significa “ouve e prega a Palavra”.

(__) A palavra *ʾeḥād*, traduzida como “único” em Deuteronômio 6.4, denota “unidade coletiva”.

(__) O pronome pessoal plural, “nós”, o adjetivo possessivo plural “nossa” e os verbos plurais “façamos”, “desçamos” e “confundamos” (em Gn 1.26; 3.22; 11.7), sugerem que há em Deus uma multiplicidade de pessoas.

128 WILLET, André. “Comentários Sobre Gênesis 11.7”, apud *ibid.*, p. 372.

9. A Trindade no Antigo Testamento: as manifestações divinas

O ARTISTA PLÁSTICO JOHN MARTIN conseguiu expressar em pinturas majestosas episódios dramáticos da história e cenas impressionantes e imaginativas do juízo final e da realidade celestial. A apreciação demorada de uma obra de arte, que exprime temas espirituais, evoca sentimentos profundos.

Em determinadas ocasiões do Antigo Testamento, Deus se manifestou visivelmente, abrindo espaço para cogitar sobre a pluralidade de pessoas da Divindade.

9.1. Manifestações de Deus nas teofanias

Qualquer manifestação visível de Deus é denominada teofania. A palavra é uma junção do grego *theos*, “Deus” e *phaino*, “manifestar-se” ou “aparecer”.¹²⁹ Um exemplo de teofania é a coluna de “nuvem” e “fogo”, guiando o povo de Deus em sua peregrinação no deserto.

O SENHOR ia adiante deles, durante o dia, numa **coluna de nuvem**, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa **coluna de fogo**, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Nunca se apartou do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite (Êx 13.21-22).

González menciona ainda “a sarça ardente de Moisés, a pomba no batismo de Jesus e o próprio Jesus — as quais a teologia cristã com frequência chama de suprema teofania”.¹³⁰ Dentre estas manifestações, destaca-se a de Gênesis 18.

Apareceu o SENHOR a Abraão nos carvalhais de Manre, quando ele estava assentado à entrada da tenda, no maior calor do dia. Levantou ele os olhos, olhou, e eis **três homens** de pé em frente dele. Vendo-os, correu da porta da tenda ao seu encontro, **prostrou-se em terra** e disse: **Senhor meu**, se acho mercê em tua presença, rogo-te que não passes do teu servo (Gn 18.1-3).

Não é incomum cristãos lerem tal passagem e pensarem na Trindade. O SENHOR aparece. E como ele “aparece”? Como “três homens”. Ainda que se possa interpretar tais figuras como Deus acompanhado de dois anjos”, nós enxergamos aqui o Anjo do SENHOR que aponta para Jesus Cristo. Para João Calvino, o anjo das teofanias era Cristo, Deus Filho, o eterno Mediador.¹³¹

129 GONZÁLEZ, 2009, p. 313. De acordo com Bavinck (v. 1, p. 328), “essas aparições não pressupõem a corporalidade de Deus (Êx 20.4; 33.20; Dt 4.12, 15), mas são sinais perceptíveis pelos quais sua presença se faz conhecida, assim como em Pentecostes o Espírito Santo se fez conhecido pelo vento e pelo fogo. Também não devemos pensar nessa conexão na emanação dessa nuvem a partir do Ser divino, mas na presença divina revelando-se em formas de criaturas”.

130 GONZÁLEZ, 2009, loc. cit. Bavinck (ibid., p. 328) utiliza o termo “cristofania”.

131 A compreensão do texto como Deus visitando Abraão acompanhado de dois anjos pode ser conferida em WENHAM, G. J. “Gênesis”. In: CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. (Org.). *Comentário bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 122; *BÍBLIA*

9.2. O Anjo do SENHOR

Na trilha das teofanias, o Deus único age graciosamente através de seu Anjo, que é diferente de todos os outros anjos. Bavinck afirma que:

Entre todos [os] enviados de Deus, o Mensageiro do Senhor [...] ocupa um lugar especial. [...] Mas essa teofania é incompleta. [...] a teofania alcança seu clímax [...] em Cristo, [...] em quem Deus é plenamente revelado e plenamente dado (Mt 11.27; Jo 1.14; 14.9; Cl 1.15; 2.19, etc.).¹³²

Davi menciona este Anjo, em um salmo caro aos cristãos: “O Anjo do SENHOR acampa-se ao redor dos que o temem e os livra” (Sl 34.7). Notemos que o Anjo do SENHOR possui características divinas.

- Ele aceita adoração que é devida somente a Deus (Êx 20.3-6; Ap 22.8-9; Gn 16.13; 18.2; 19.1; Nm 22.31; Jz 13.20).
- Ele é identificado como o próprio SENHOR (Gn 18.1,33; 19.24; Êx 3.2-6; Jz 13.22; Ml 3.1).
- Ele guarda os crentes e vinga as causas deles (Sl 34.7; Is 37.36; Zc 12.8).
- Ele é o advogado dos eleitos, defendendo-os das acusações de Satanás (Zc 3.1-10).

Reiterando, o Anjo do SENHOR não é como os demais anjos. Ele aceita adoração e advoga em favor dos crentes. O Anjo do SENHOR é Deus presente na vida de seu povo.

O ponto a sublinhar é que o Anjo do SENHOR sugere pluralidade de pessoas na Divindade, do seguinte modo: se as passagens bíblicas acima informam que

DE ESTUDO DE GENEBRA. 2ª ed. [BEG²]. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, p. 40. Os autores destes estudos entendem que, em Gênesis 18, Abraão foi visitado pelo Senhor Jesus Cristo. O argumento de Calvino, identificando o anjo das teofanias com Cristo pode ser conferido em CALVINO, *As Institutas*, I.xiii.10. Comentando Gênesis 18.13, Calvino afirma que “sempre que ele [Deus] se manifestava aos pais, Cristo era o Mediador entre ele e eles; que não só personifica Deus ao proclamar a sua palavra, mas é também verdadeira e essencialmente Deus” (CALVINO, João. *Commentary on the first book of Moses called Genesis*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010, v. 1, p. 475. Tradução nossa). A BEHR (p. 34) segue essa direção: “Esse é o primeiro registro do Senhor aparecendo a Abraão em figura humana, uma prefiguração da encarnação de Cristo por meio de um nascimento mais miraculoso que o de Isaque”. A mesma Bíblia de estudo (loc. cit.) informa que a palavra “Senhor”, pronunciada por Abraão no v. 3 [*adonai*], “se refere exclusivamente à Divindade e não é a mesma palavra usada por Sara, “meu senhor” (hebraico, *adoni*, 18.12). Para E. F. Kevan, “o fato que a história começa com a afirmação categórica que foi o ‘SENHOR’ [Yahweh] que apareceu emprega forte apoio à sugestão que o ‘anjo’ pode ser identificado com a Segunda Pessoa da Trindade”; cf. KEVAN, E. F. “Gênesis”. In: DAVIDSON, F. (Org.). *O novo comentário da Bíblia*. reimp. 1985. São Paulo: Vida Nova, 1963, v. 1, p. 100). John Frame afirma que “na teofania de Gênesis 18, há uma antecipação da teofania maior de Deus em Jesus Cristo” (FRAME, John. *Teologia sistemática: uma introdução à fé cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, v. 1, p. 393). Outras passagens do Antigo Testamento permitem leituras similares, e.g., Gênesis 3.8; 32.22-32; Oseias 12.3-5; Josué 5.13-15; Juízes 13.18; Isaías 9.6.

132 BAVINCK, v. 1, p. 329. Eis os principais textos referentes ao Anjo do SENHOR: Gênesis 16.7-13; 18.1-33; 19.1-28; 22.11-13; Êxodo 3.2-6; Números 22.21-35; Juízes 2.1-5; 6.11-24; 13.1-25; 1Reis 19.4-8; 2Reis 1.1-4; 19.35; 1Crônicas 21.14-17,28-30; Sl 34.7; Isaías 37.36; Zacarias 3.1-10 e Malaquias 3.1.

o Anjo do SENHOR é o próprio Deus, outros textos mostram Deus interagindo com o Anjo do SENHOR, como se este fosse *outra pessoa*. Por exemplo:

- O Anjo do SENHOR é enviado por Deus (Jz 13.8-9).
- O Anjo do SENHOR orienta Manoá a oferecer um holocausto a Deus, como se ele (o Anjo) e o SENHOR fossem pessoas diferentes (Jz 13.15-16).
- Por causa do pecado do rei Davi (levantamento orgulhoso do censo de Israel), o Anjo do SENHOR estende a mão para ferir os moradores de Jerusalém, mas Deus diz a ele (ao Anjo do SENHOR) para não levar adiante a matança dos israelitas (2Sm 24.15-17).

Ao mesmo tempo em que podemos afirmar que o Anjo do SENHOR é o próprio Deus, por outro lado, ele relaciona-se com Deus. Do ponto de vista da lógica unitarista, isso seria uma contradição. Da perspectiva trinitária, isso combina com a doutrina da Trindade ao sugerir pluralidade de pessoas da Divindade. Deus aparece relacionando-se consigo mesmo, desde o antigo pacto.

E DAÍ?

Você já tinha pensado nas manifestações visíveis de Deus como apontamentos para a Trindade? Em algumas ocasiões, o Deus da Bíblia decidiu manifestar visivelmente sua existência e presença no mundo, a fim de que o conheçamos, confiemos nele e o amemos. Não deixemos passar essa oportunidade de responder a Deus com fé e amor sinceros.

ATIVIDADES

1. Teofania é qualquer acontecimento revelatório no qual se vê a presença de Deus.
___ Verdadeiro ___ Falso
2. É absurdo interpretar a visita do SENHOR a Abraão, em Gênesis 18, como um apontamento para a Trindade.
___ Verdadeiro ___ Falso
3. Marque as alternativas corretas.
(__) O Anjo do SENHOR não aceita adoração, que é devida somente a Deus.
(__) O Anjo do SENHOR guarda os crentes e vinga as causas deles.
(__) O Anjo do SENHOR é o advogado dos eleitos de Deus.
4. Marque as alternativas corretas.
(__) O Anjo do SENHOR pode ser identificado como o próprio Deus.
(__) Em algumas passagens bíblicas, o Anjo do SENHOR e Deus são pessoas distintas.
(__) O Anjo do SENHOR não tem integração nenhuma com Deus.
(__) O Anjo do SENHOR sugere pluralidade de pessoas na Divindade.
(__) O Anjo do SENHOR aparece apenas no Novo Testamento.

10. A Trindade no Antigo Testamento: as referências ao Messias

OTÁVIO SAIU DE CASA APRESSADO, logo após prometer a seu filho Eduardo que no fim da tarde lhe traria uma barra de seu chocolate predileto. O dia, porém, foi repleto de imprevistos, impedindo a saída para o intervalo do almoço e exigindo uma reunião além do expediente. Perto da meia-noite, Otávio arrastou-se porta adentro, jogou o paletó sobre o sofá e foi até a cozinha, ávido por uma refeição. Encontrou Eduardo sentado na mesa, de olhos esbugalhados, aguardando pelo cumprimento da promessa de seu pai.

Diferente dos seres humanos, Deus não falha em suas promessas. A grande prova disso é a revelação do Antigo Testamento sobre o Messias.

10.1. Os ungidos do Antigo Testamento e o Ungido do reino eterno

No Antigo Testamento, o termo *māšîaḥ*, “ungido” ou “messias”, identifica e qualifica os ministérios do “sacerdote (Lv 4.3), do rei (1Sm 2.35) ou do profeta”.¹³³ O título “Cristo”, no Novo Testamento, é sinônimo de “Messias”.¹³⁴

Oswalt argumenta que o papel histórico imediato dos “ungidos” de Deus, no Antigo Testamento, aponta gradativamente para um “Messias” dos tempos do fim (escatológico).

Essa existência do conceito de “O Ungido” [...] por si mesmo, superior e acima das funções históricas mais precisamente prescritas do profeta, do sacerdote e do rei, sem dúvida contribuiu para o surgimento do conceito do Ungido escatológico, o Messias.¹³⁵

Daniel falou sobre um “Messias” que passaria pela morte (Dn 9.25-26). Ele mencionou “um como o Filho do Homem”, que receberia o reino do “Ancião de Dias” (Dn 7.13-14). Isso ocorreria “para que os povos, nações e homens de todas as línguas o [sirvam]; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído” (Dn 7.14). O profeta atualizou a promessa divina feita a Davi, de que seu descendente edificaria um templo e reinaria eternamente (2Sm 7.12-17). Daí a conclusão de Oswalt, referindo-se a Jesus Cristo:

O Senhor de fato escolheu alguém que é Profeta, Sacerdote e Rei;
ele o escolheu e o autorizou a cumprir o que todos os sacerdotes e

133 OSWALT, John N. “*māšîaḥ* #5417”. In: VANGEMEREN, Willem A. (Org.). *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011a, v. 2, p. 1124.

134 HENDRIKSEN, William. *Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 199 (Comentário do Novo Testamento).

135 OSWALT, op. cit., loc. cit.

profetas ungidos precedentes não poderiam nunca fazer — trazer o reino de Deus.¹³⁶

10.2. O Deus-Rei-Messias do salmo 45

O salmo 45 é endereçado a um rei específico ou idealizado¹³⁷ e integra um grupo de quatro salmos que “celebram o reinado de *’Ĕlō·hîm* e seu Messias sobre as nações (Sl 45—48). [...] Até mesmo os judeus são constrangidos a associar isto com o Messias”.¹³⁸ A contribuição deste salmo para a doutrina da Trindade aparece nos v. 6-7.

O teu trono, ó **Deus**, é para todo o sempre; cetro de equidade é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso, Deus, o **teu Deus, te ungiu** com óleo de alegria, como a nenhum dos teus companheiros (Sl 45.6-7).

Estudiosos cristãos leem estes versículos não apenas como uma referência à divindade do Messias, mas também como um apontamento para a distinção, dentro do Deus único, das pessoas do “Pai” (identificado como “teu Deus”, no v. 7) e do “Filho” (identificado como “Deus”, no v. 6).¹³⁹ Calvino diz que “a divina majestade de Cristo, além de qualquer sombra de dúvida, expressamente se denota aqui”.¹⁴⁰ E Allan Harman coloca a questão como segue:

De súbito, o salmista visualiza além o ocupante imediato do trono de Davi à glória régia do soberano messiânico (v. 6). [...].

A pessoa designada como “Deus”, [...] é agora distinguida dele pela referência a “teu Deus” (v. 7). Esta passagem tem de ser considerada juntamente com outras passagens messiânicas do Antigo Testamento.¹⁴¹

Derek Kidner também interpreta o texto pela ótica trinitária. Eis o que ele diz sobre “o teu trono, ó Deus”, em Salmos 45.6 (e sobre o v. 7):

O hebraico [...] não está aberto a qualquer mitigação aqui, e é o Novo Testamento, e não as novas versões, que lhe fazem justiça quando o emprega para comprovar a superioridade do Filho de Deus aos próprios anjos (Hb 1.8-9). Além disto, o v. 7 faz distinção entre Deus, o teu Deus, e o rei que foi chamado “Deus”, no v. 6. Este paradoxo é

136 Ibid., loc. cit.

137 HARMAN, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 200 (Comentários do Antigo Testamento). Logos Software. Calvino sugere que “este salmo foi composto concernente a Salomão” ou a um juiz humano; cf. CALVINO, João. *Salmos*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013, v. 2, posição 4484 de 12686 (Série comentários bíblicos). Edição do Kindle. A BEG² (p. 720) explica que o título e o v. 1 configuram o salmo como um cântico de casamento régio.

138 ROBERTSON, Palmer. *A estrutura e teologia dos salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019, p. 102; cf. CALVINO, 2013, posição 4606 de 12686.

139 Tanto no v. 6, quanto no v. 7, a Divindade é identificada como *’Ĕlō·hîm*, cf. seção 8.2.2.

140 CALVINO, 2013, posição 4606 de 12686.

141 HARMAN, op. cit., p. 200,201.

consistente com a encarnação, mas sem explicação em qualquer outro contexto. É um exemplo da linguagem do Antigo Testamento que irrompe as suas barreiras, para exigir um cumprimento mais do que humano.¹⁴²

Semelhantemente, Robertson:

Como pode o Messias, de repente, ser apresentado como Deus neste salmo? Que precedente se preparou para esse surpreendente anúncio, particularmente tendo em vista o compromisso inabalável com o monoteísmo na fé do Antigo Testamento? O precedente surge naturalmente do foco da aliança de Deus com Davi, que serve como um fator fundamental para o livro de Salmos em seu papel na história redentora.¹⁴³

Resumindo, Salmos 45.6-7 possibilita inferir, no ser do Deus único, mais de uma pessoa (Deus Pai e Deus Filho, o Messias).

10.3. O Homem-Rei-Deus de Isaías 9.6-7

O profeta Isaías anuncia a vinda de um libertador:

Porque um menino nos **nasceu**, um filho se nos deu; o **governo** está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, **Deus Forte**, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o **trono de Davi** e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e **para sempre**. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto (Is 9.6-7).

Intérpretes entendem que Isaías está falando sobre o rei Ezequias, mas o entendimento predominante entre os cristãos é de que a passagem aponta para o Messias escatológico.¹⁴⁴

Notemos que o Messias será um homem: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu” (v. 6). De acordo com Oswalt, “o governo divino [...] terá a mais humana de todas as chegadas à terra, isto é, o nascimento”.¹⁴⁵

Além disso, o Messias é Deus: “E o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (v. 6). Como afirma Ridderbos, “o nome de ‘Deus’, ainda mais do que o título de ‘Maravilhoso’, refere-se claramente à natureza supra-humana do Messias. [...] Este nome, portanto, diz que o Messias compartilha da natureza de Deus”.¹⁴⁶ E novamente Oswalt: “O es-

142 KIDNER, Derek. *Salmos 1–72: introdução e comentário*. reimp. 2008. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 192-193 (Série cultura bíblica).

143 ROBERTSON, op. cit., p. 103.

144 OSWALT, John N. *Isaías*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011b, v. 1, p. 304-305 (Comentário do Antigo Testamento); RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 116 (Série cultura bíblica).

145 Cf. OSWALT, 2011b, p. 305.

146 RIDDERBOS, op. cit., p. 116,117.

perado rei perfeito será humano e divino”.¹⁴⁷ Quem garante a realização disso é Deus mesmo: “O zelo de SENHOR dos Exércitos fará isso” (v. 7).

Eis o quadro completo: O Messias será humano, nascido de mulher. O Messias é Deus. No ser de Deus, há Deus Pai (cujo zelo garante a realização do plano de redenção) e Deus Filho (o Messias que se torna humano, a fim de implementar a redenção). Duas pessoas distintas, na comunhão do único ser divino.

10.4. O Rei-Messias da profecia de Miqueias

O profeta Miqueias transmite uma mensagem messiânica:

E tu, **Belém-Efrata**, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da **eternidade** (Mq 5.2).

Os magos do Oriente informaram a Herodes que o Messias dos judeus nasceria na cidade de Belém, baseando-se na profecia de Miqueias (cf. Mt 2.1-6). Além do informe acerca do lugar de nascimento do Messias, a profecia menciona que suas “origens” (*mô·šā·’ā(h)*; lit., “saídas”; “retiradas”) remontam a “tempos antigos” e “dias da eternidade” (*min ôlām*). De que modo podemos compreender esta expressão?

Calvino traduz *min ôlām* como “dias das eras”.¹⁴⁸ Daí ele interpreta o texto com cautela, como segue:

Ele sugere aqui que não seria uma coisa repentina que um príncipe surgisse para governar o povo; pois já havia sido determinado por Deus há muito tempo. [...] Alguns, eu sei, sustentam pertinazmente que o Profeta fala aqui da existência eterna de Cristo; e quanto a mim, reconheço de bom grado que a divindade de Cristo é aqui provada para nós; mas como isso nunca será permitido pelos judeus, prefiro tomar as palavras simplesmente como são — que Cristo não sairá inesperadamente de Belém, como se Deus não tivesse determinado nada a respeito dele. Suas saídas então são desde o princípio.¹⁴⁹

Richard Phillips esclarece que essa compreensão da passagem é compartilhada por diversos eruditos:

Muitos estudiosos acreditam que Miqueias esteja se referindo [...] à antiga linhagem humana de Jesus. Eles argumentam que o vínculo

147 OSWALT, 2011b, loc. cit.

148 CALVINO, João. *Commentaries on the Twelve Minor Prophets*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010, v. 3, p. 299. A tradução de Calvino não é despropositada. Na *Bíblia de Jerusalém* (BJ), nós lemos: “Suas origens são de tempos antigos, de dias imemoráveis”; na *Bíblia Nova Versão Internacional* (NVI): “suas origens estão no passado distante, em tempos antigos” e na tradução de Frederico Lourenço (FL): “as saídas dele [vêm] desde o início, dos dias de antanho”.

149 CALVINO, 2010, loc. cit. Tradução nossa.

contextual com Belém indica que “desde os tempos antigos” destaca a origem ancestral de Jesus da casa real de Davi.¹⁵⁰

Mesmo assim, não faltam intérpretes que leem “desde os dias da eternidade” como um apontamento para a eternidade do Messias como Deus Filho. O próprio Phillips admite que, para alguns estudiosos, tais palavras (*min ôlām*) “são usadas na Bíblia para falar da eternidade de Deus. [...] Nessa visão, o rei predito por Miqueias surgirá de origens eternas e, portanto, divinas”.¹⁵¹ Explicando o significado de *ôlām*, Richard Sturz sugere que “para o homem, a palavra significa uma vida longa ou muitos anos; para Deus, contudo, significa eternidade. Aplicada ao Messias, *ôlām* refere-se ao estado preexistente do Filho”.¹⁵² Se assumirmos esta segunda leitura, torna-se plausível afirmar que Miqueias profetiza sobre um rei procedente de Belém, portanto, histórico e humano. Ao mesmo tempo, as “origens” dele são “eternas”, quer dizer, o Messias é divino.

10.5. O Messias-Deus da profecia de Malaquias

Outro texto associado ao Messias é Malaquias 3.1:

Eis que eu envio o **meu mensageiro**, que preparará o caminho diante de mim; de repente, virá ao seu templo o **Senhor**, a quem vós buscais, o **Anjo da Aliança**, a quem vós deseiais; eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos (Ml 3.1).

A passagem anuncia o envio de um “mensageiro”. Em seguida, apresenta um paralelismo.

Virá ao seu templo	
o Senhor	a quem vós buscais
O Anjo da Aliança	a quem vós deseiais ¹⁵³

O texto menciona primeiro *’ādōn*, “o Senhor”, ou seja, o próprio Deus (cf. Zc 4.14; 6.5).¹⁵⁴ A ele corresponde “o Anjo da Aliança”, um título que só aparece aqui em todo o Antigo Testamento e sugere “uma interpretação messiânica, à luz do Novo Testamento”.¹⁵⁵ Daí o parecer de Van Groningen:

Malaquias deixou claro que [...] (o Senhor) deve ser identificado com o mensageiro da aliança. Não há dúvidas de que a divindade do mensageiro é declarada nesta passagem. Malaquias prosseguiu descrevendo

150 PHILLIPS, Richard D. *Estudos bíblicos expositivos em Jonas e Miqueias*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 278.

151 PHILLIPS, op. cit., p. 277.

152 STURZ, Richard J. “Miqueias”. In: BAKER, David W.; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. *Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 243 (Série cultura bíblica).

153 SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas II*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 1254 (Grande comentário bíblico); HUGENBERGER, Gordon P. “Malaquias”. In: CARSON; FRANCE; MOTYER; WENHAM, op. cit., p. 1332.

154 Cf. BALDWIN, J. G. *Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário*. reimp. 2008. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 203 (Série cultura bíblica).

155 BALDWIN, op. cit., loc. cit.

como o mensageiro divino da aliança, o Mediador messiânico, iria executar o julgamento. [...] o mensageiro da aliança, o Mediador messiânico, irá fazer justiça e purificará aqueles que anseiam por ele.¹⁵⁶

Quem faz a promessa é Deus: “Eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos”. Resumindo, este Anjo da Aliança ou Messias é Deus, cuja vinda é garantida por Deus.

Os textos mencionados nesta aula sugerem que o Messias é Deus. Por conseguinte, permitem sugerir uma distinção de pessoas, Deus (o Pai) e o Messias (o Filho), no ser único de Deus. Apesar da revelação definitiva sobre a Trindade constar no Novo Testamento, o Antigo Testamento fornece dados significativos.

E DAÍ?

Verificamos que, desde o Antigo Testamento, é possível vislumbrar uma comunhão bendita e eterna entre Deus Pai e Deus filho (cf. Jo 17.5).

ATIVIDADES

1. Complete a frase: O termo “messias”, identifica e qualifica os ministérios do “sacerdote, do _____ ou do profeta.
2. Os estudiosos cristãos não conseguem estabelecer nenhuma conexão entre o salmo 45 e a doutrina da Trindade.
___ Verdadeiro ___ Falso
3. Em Isaías 9.6-7, Isaías está apontando para o Messias escatológico.
___ Verdadeiro ___ Falso
4. Em Miqueias 5.2, somos informados de que o Messias nascerá na cidade de Belém, em Efrata. Além disso, as origens do Messias são eternas, ou seja, o Messias é divino.
___ Verdadeiro ___ Falso
5. Marque a única resposta correta. De acordo com Malaquias 3.1:
(__) O Anjo da Aliança é Deus, mas ele não é o Messias cuja vinda é garantida por Deus.
(__) O Anjo da Aliança ou Messias é Deus, cuja vinda é garantida por Deus.
(__) O Anjo da Aliança ou Messias não é Deus, mas sua vinda é garantida por Deus.

156 VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, v. 2, p. 533.

11. A Trindade no Antigo Testamento: as ações criativas e providenciais do Espírito Santo

ROSE SE ENGASGOU E TOMOU MAIS UM GOLE de café. Quinze dias antes, ela abrira as portas de sua casa para duas pessoas simpáticas, que se ofereceram para estudar a Bíblia com ela. Elas disseram que, finalmente, Rose descobriria “quem é Deus”. Agora, a mulher à sua frente terminara de afirmar que o Espírito Santo não é uma pessoa divina, mas apenas uma força ou energia.

— Com todo respeito, não posso concordar com vocês. Pelo que estudei na Bíblia, o Espírito Santo é pessoa da Trindade.

As visitantes suspiraram fundo, percebendo que não seria fácil convencer Rose de suas doutrinas.

11.1. O Espírito Santo é criador

O Antigo Testamento afirma a deidade do Espírito Santo. A Escritura revela que Deus é o criador (Gn 1.1; 2.3; Is 43.15; Jr 10.16). Ao mesmo tempo, o Espírito Santo é criador e preservador da criação.

No princípio, **criou Deus os céus e a terra**. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o **Espírito de Deus** pairava por sobre as águas (Gn 1.1-2).

Meditando nesta passagem, Calvino escreve o seguinte:

O testemunho de Moisés na história da criação é muito claro, ao afirmar que o Espírito de Deus pairava por sobre os abismos ou matéria informe [Gn 1.2], porque mostra não só que a beleza do mundo — que agora se contempla — se fortalece preservada pelo poder do Espírito, mas também que, antes que apresentasse essa forma, já então o Espírito havia operado na conservação daquela massa caótica.¹⁵⁷

Em Gênesis 1.2, o vocábulo hebraico traduzido como “Espírito” (*rûah*) pode ser traduzido como “vento”. Sendo assim, alguns intérpretes preferem dizer que o versículo fala sobre um “vento divino” que “pairava sobre as águas”. Sinclair Ferguson argumenta satisfatoriamente, afirmando que a melhor interpretação é a que lê na passagem uma referência à pessoa do Espírito Santo, agindo na criação.¹⁵⁸ Depois de analisar objeções e os dados do Antigo Testamento e da história da interpretação, Ferguson conclui que “à luz desta tradição exegética

157 CALVINO, *As institutas*, I.xiii.14.

158 FERGUSON, Sinclair B. *O Espírito Santo*. São Paulo: Os Puritanos, 2000, p. 15-24. O fato é que *rûah* é usado na Escritura com seis acepções: “1. vento, 2. ponto cardeal, 3. respiração, 4. disposição, 5. sede de cognição e volição e 6. espírito”. Cf. VAN PELT, M. V.; KAISER JR., W. C.; BLOCK, D. J. “*rûah* #8120”. In: VANGEMEREN, Willem A. (Org.). *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 3, p. 1202.

dentro do próprio Antigo Testamento, *rûah*, em Gênesis 1.2, é mais bem discernido como uma referência à atividade do Espírito divino e não a uma atividade impessoal do vento”.¹⁵⁹ Em outro lugar, Eliú declara que o Espírito de Deus o criou. Para completar, o autor do salmo 104 comenta Gênesis 1.2, vinculando a obra da criação ao ministério do Espírito Santo.

O Espírito de Deus **me fez**, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida (Jó 33.4).

Envias o teu Espírito, eles são **criados**, e, assim, renovas a face da terra (Sl 104.30).

De acordo com estudiosos do Antigo Testamento:

Teologicamente, no Antigo Testamento o uso mais relevante de *rûah* envolve a representação do metafísico ou numinoso, especificamente o “Espírito de Deus/do SENHOR”. [...] O Espírito de Deus é o agente da criação [...]. Seu Espírito estava ativo não apenas na criação original (Gn 1.2) e na recriação após o Dilúvio (8.1), mas também na criação do povo de Israel (na forma de vento, Êx 14.19-20[21]; 15.10) e na criação da Igreja (At 2.1-4).¹⁶⁰

Como afirma Bavinck:

’Ĕlō-hîm, o Deus vivo, cria ao pronunciar sua Palavra e enviar seu Espírito. [...] Embora Deus chame todas as coisas à existência por meio de sua palavra como agente mediador, é por meio de seu Espírito que ele é imanente na criação e vivifica e embeleza.¹⁶¹

O “Espírito criador” é revelado como ser pessoal, na profecia de Isaías.

11.2. A divindade e pessoalidade do Espírito em Isaías 63.7-14

Isaías profetiza sobre os “atos gloriosos” do “SENHOR”. Nessa revisão da história, o profeta refere-se às três pessoas da Trindade:

Celebrarei as benignidades do **SENHOR** e os seus atos gloriosos, segundo tudo o que o SENHOR nos concedeu e segundo a grande bondade para com a casa de Israel, bondade que usou para com eles, segundo as suas misericórdias e segundo a multidão das suas benignidades.

Porque ele dizia: Certamente, eles são meu povo, filhos que não mentirão; e se lhes tornou o seu Salvador. Em toda a angústia deles, foi ele angustiado, e **o Anjo da sua presença os salvou**; pelo seu amor e pela sua compaixão, ele os remiu, os tomou e os conduziu todos os dias da antiguidade. Mas eles foram rebeldes e **contristaram o seu Espírito Santo**, pelo que se lhes tornou em inimigo e ele mesmo pelejou contra eles.

159 FERGUSON, op. cit., p. 23.

160 VAN PELT; KAISER JR.; BLOCK, op. cit., p. 1071.

161 BAVINCK, v. 2, p. 269.

Δ A Trindade no Antigo Testamento: as ações criativas e providenciais do Espírito Santo

Então, o povo se lembrou dos dias antigos, de Moisés, e disse: Onde está aquele que fez subir do mar o pastor do seu rebanho? Onde está o que pôs nele o seu Espírito Santo? Aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés? Que fendeu as águas diante deles, criando para si um nome eterno? Aquele que os guiou pelos abismos, como o cavalo no deserto, de modo que nunca tropeçaram?

Como o animal que desce aos vales, o **Espírito do SENHOR** lhes deu descanso. Assim, guiaste o teu povo, para te criares um nome glorioso (Is 63.7-14).

A contribuição desta revelação para a doutrina da Trindade é sublinhada por Oswalt:

A maioria dos comentaristas reconhece que a interpretação do Espírito Santo aqui [em Isaías 63.10] e no versículo 11 está vinculada ao conceito plenamente desenvolvido no Novo Testamento da terceira pessoa da Trindade.¹⁶²

Observemos detalhes que possibilitam afirmar a existência de pessoas distintas na Divindade.¹⁶³ Deus-Pai, o SENHOR, se revelou para Israel como Salvador (v. 8). Deus Filho (o Anjo da sua presença) remiu Israel (v. 9). Oswalt identifica esta figura com o Anjo do SENHOR, como segue:

Em qualquer caso, esta expressão comunica o mesmo sentido que se encontra ao longo do Antigo Testamento, na maioria dos textos que discorrem sobre alguma representação visível de Deus. O anjo é o próprio SENHOR como visivelmente presente (cf. Êx 20.21-23; 33.2,14,15; Nm 20.16; Js 5.13-15; Jz 13.6,21,22).¹⁶⁴

Por fim, a rebeldia de Israel entristeceu ao Espírito Santo (v. 10). Após o arrependimento do povo, o Espírito Santo guiou a Israel a fim de criar um nome glorioso (v. 11-14). Sem dúvida, toda a ação redentora é atribuída ao Deus único. Ao mesmo tempo, há referências ao SENHOR, ao Anjo de sua presença e ao Espírito Santo, divino e pessoal (entristecimento implica pessoalidade). A passagem abre espaço para uma leitura trinitária — o Deus único operando na comunhão da Trindade.

11.3. A profecia de Ezequiel 39.29

Na profecia de Ezequiel, Deus prometeu revelar seu rosto a Israel. Isso ocorreria quando o Espírito fosse derramado.

Já não esconderei deles o **rosto**, pois derramarei o **meu Espírito** sobre a casa de Israel, diz o SENHOR Deus (Ez 39.29).

162 OSWALT, John N. *Isaias*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011c, v. 2, p. 731 (Comentário do Antigo Testamento).

163 Uma tese semelhante é defendida por Delitzsch, “dizendo que os v. 8-10 ensinam a doutrina da Trindade, com o Pai no v. 8, o Filho, no v. 9, e o Espírito Santo, no v. 10” (cf. OSWALT, 2011c, loc. cit., nota de rodapé 64).

164 *Ibid.*, p. 730.

Isso é assim porque o Espírito Santo é Deus. Não é sem razão que tentar se ausentar do Espírito equivale a fugir da face divina, tal como afirma o salmista.

Para onde me ausentarei do **teu Espírito**? Para onde fugirei da **tua face**?
(Sl 139.7).

Em suma, no Antigo Testamento, o Espírito Santo não é uma força impessoal, mas uma pessoa que pode ser entristecida (Is 63.10). Ele é o próprio Deus que guia seu povo e lhe concede descanso (Is 63.14).

E DAÍ?

Ore agradecendo pela iluminação do Espírito Santo, que nos ajuda a enxergar a Trindade no Antigo Testamento. Compartilhe estas verdades, ajudando outros a compreenderem que, desde o Antigo Testamento, o Espírito Santo é revelado como uma das pessoas da Trindade Bendita.

ATIVIDADES

1. Marque as referências das passagens bíblicas que demonstram que o Espírito Santo é o criador.
 - (__) João 3.16.
 - (__) Jó 33.4.
 - (__) 2Coríntios 3.17.
 - (__) Salmos 104.30.
2. Marque a única resposta correta. No texto de Isaías 63.7-14, apesar de toda a ação redentora ser atribuída a um único Deus, há uma diferenciação de pessoas na divindade. Quem são as pessoas que aparecem nesse texto?
 - (__) O SENHOR, o Anjo Gabriel e o Espírito Santo.
 - (__) O SENHOR, o Anjo de sua presença (o Filho) e o Espírito como força impessoal de Deus.
 - (__) O SENHOR, o Anjo de sua presença (o Filho) e o Espírito Santo.
3. Marque as respostas corretas. O Espírito Santo...
 - (__) é Deus; tentar ausentar-se da sua presença é a mesma coisa que tentar ausentar-se de Deus.
 - (__) é um modo de manifestação de Deus.
 - (__) é uma pessoa que pode ser entristecida.
 - (__) é uma força impessoal.
 - (__) segundo Isaías 63.14, é o próprio SENHOR que guia seu povo e lhe concede descanso.

12. A Trindade no Novo Testamento: Jesus e o Espírito Santo são pessoas divinas

JESUS CRISTO EXERCE FASCÍNIO SOBRE OS HOMENS. Muitos o admiram como revolucionário ou mestre moral e espiritual. Nossa grande necessidade, porém, é reconhecê-lo como Deus Redentor (segunda pessoa da Trindade bendita).

Ademais, somos atraídos pelo sobrenatural e a possibilidade de sermos dotados de poderes sobre-humanos. Uma versão subcristã dessa tendência é entender o Espírito Santo como força impessoal, buscando-o apenas como meio para obter poder. A Bíblia informa que o Espírito Santo é Deus pessoal.

12.1. As afirmações trinitárias gerais do Novo Testamento

A Trindade é claramente revelada no Novo Testamento. Encontramos declarações trinitárias de ordem geral, além de evidências da divindade do Filho, bem como da divindade e pessoalidade do Espírito Santo.

Eis uma amostra de referências do Novo Testamento à Trindade:

Batizado **Jesus**, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o **Espírito de Deus** descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma **voz dos céus** [do Pai], que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo (Mt 3.16-17).

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do **Pai**, e do **Filho**, e do **Espírito Santo** (Mt 28.19).

Quando, porém, vier o Consolador, que **eu** [o Filho] vos enviarei da parte do **Pai**, o **Espírito da verdade**, que dele procede, esse dará testemunho de mim (Jo 15.26).

Para que eu seja ministro de **Cristo Jesus** entre os gentios, no sagrado encargo de anunciar o evangelho de **Deus**, de modo que a oferta deles seja aceitável, uma vez santificada pelo **Espírito Santo** (Rm 15.16).

A graça do **Senhor Jesus Cristo**, e o amor de **Deus**, e a comunhão do **Espírito Santo** sejam com todos vós (2Co 13.13).

Porque, por **ele** [o Filho], ambos temos acesso ao **Pai** em um **Espírito** (Ef 2.18).

Entretanto, devemos sempre dar graças a **Deus** por vós, irmãos amados pelo **Senhor** [Cristo], porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do **Espírito** e fé na verdade (2Ts 2.13).

Muito mais o sangue de **Cristo**, que, pelo **Espírito eterno**, a si mesmo se ofereceu sem mácula a **Deus**, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo! (Hb 9.14).

Eleitos, segundo a presciência de **Deus Pai**, em santificação do **Espírito**, para a obediência e a aspersão do sangue de **Jesus Cristo**, graça e paz vos sejam multiplicadas (1Pe 1.2).

Todas essas passagens revelam a distinção entre as pessoas da Divindade.

12.2. A divindade de Jesus Cristo no Novo Testamento

Jesus Cristo é chamado de “Filho de Deus”, não no sentido figurado. Cristo não é uma criatura; ele é divino, ou, na linguagem dos credos, “Deus de Deus”.

O Novo Testamento revela a divindade de Jesus Cristo de cinco maneiras. Em primeiro lugar, Jesus Cristo é identificado com o Deus Salvador do Antigo Testamento (Sl 106.21; Is 43.3,11; 47.4; 49.26; Os 13.4; Mt 1.21; Lc 1.47,76-79; 2.11; Jo 4.42; At 4.12; Fp 3.20; 2Tm 1.10; Tt 1.4; 2.13; 2Pe 1.11; 2.20; 3.2,18).¹⁶⁵

Além disso, os apóstolos se referem a Jesus como Deus (Jo 1.1-18; 20.28,30,31; At 7.59; Rm 9.5; 10.9-13; Fp 2.5-6; Cl 1.15-17; 2.9; Hb 1.1-12; 1Pe 3.15; 1Jo 5.20).

Em terceiro lugar, Jesus possui atributos divinos: Vida (Jo 1.4; 14.6; Hb 7.16); imutabilidade (Hb 13.8); verdade (Jo 14.6; Ap 3.7); santidade (Lc 1.35; Jo 6.69; Hb 7.26); eternidade (Jo 1.1; cf. Pv 8.23; Jo 8.58; 17.5; Cl 1.17; Hb 1.10-12; Ap 21.6; cf. Ap 2.8); onipresença (Mt 18.20; 28.20); onisciência (Mt 9.4; Jo 16.30; 1Co 4.5; Cl 2.3); soberania e onipotência, que implicam criação e providência (Mt 28.18; Jo 1.3; Fp 2.9-10; cf. Mc 5.6; Lc 8.28; Cl 1.15-17; Hb 1.2-3; Ap 1.8). Finalmente, ele tem autoridade para ressuscitar mortos e julgar (Mt 25.31-32; Jo 5.27-29; Ap 19.11-16).¹⁶⁶

Se isso não bastasse, o próprio Jesus demonstra ter consciência de sua divindade (Mt 9.6; cf. Is 43.25; Jo 5.17-18,23-27; 8.58; 14.9-10,14-15; 17.5).

Por fim, Jesus recebe adoração que é devida somente a Deus (Mt 2.2,11; 8.2; 9.18; 15.25; 28.16; Mc 5.22,33; 7.25; Lc 5.8; 17.16; 24.52; Ap 5.8-14).

As declarações trinitárias gerais e as afirmações bíblicas não deixam dúvida de que Jesus Cristo é Deus, da mesma substância do Pai.

12.3. A divindade e pessoalidade do Espírito Santo

O Espírito Santo não pode ser considerado menor do que Deus. O Novo Testamento fornece três evidências da divindade do Espírito Santo.

Notemos que o Espírito Santo é incluído nas afirmações trinitárias gerais, listadas na seção 12.1. Em cada asserção, ele mencionado como uma das pessoas da Trindade, coigual com o Pai e o Filho.

¹⁶⁵ Cf. BERKHOF, op. cit., p. 89.

¹⁶⁶ STRONG, op. cit., p. 460.

O Espírito Santo cumpre a promessa de habitação consoladora e santificadora que, de acordo com o Antigo Testamento, seria realizada por Deus na implementação de sua aliança (Sl 74.2; 135.21; Is 8.18; 57.15; Jl 3.17; Zc 2.10-11; Ez 36.26-27; cf. Jo 14.16; At 2.1-4,16-21; Rm 8.9,11; 1Co 3.16; Gl 4.6; Ef 2.22; Tg 4.5).

De acordo com o Novo Testamento, pecar contra o Espírito Santo é pecar contra Deus, e mentir ao Espírito é mentir a Deus (Mc 3.29; At 5.3-4).

Outra coisa que não podemos desprezar é a pessoalidade do Espírito Santo, considerando-o como energia impessoal. Ele é tanto divino quanto pessoal. Ao “andar no Espírito” (Gl 5.16), ser “cheio do Espírito” (Ef 5.18) ou desfrutar da “comunhão do Espírito” (2Co 13.13), o cristão relaciona-se com a Trindade bendita.

Como evidências da pessoalidade do Espírito Santo no Novo Testamento, ele se comunica racionalmente (At 8.29; cf. Is 30.21-22; At 13.2). O Espírito Santo é o “Consolador” dos cristãos ensinando-os, convencendo-os do pecado, santificando-os, confirmando a adoção divina no coração deles e intercedendo por eles (Jo 14.16,25-26; 16.13-14; Rm 8.14-17,26-27). Esse ministério é pessoal. Para completar, atualizando Isaías 63.10, Paulo informa que o Espírito Santo possui emoções; ele pode ser entristecido (Ef 4.30).

Eis o que Basílio de Cesareia escreve sobre o Espírito Santo:

Em primeiro lugar, ao ouvir as denominações do Espírito, não se eleva a mente, não erguem-se os pensamentos para a mais sublime natureza? [...] Espírito Santo é especialmente seu nome próprio, pois ele é o ser mais incorpóreo, inteiramente imaterial e simples. [...] Mas, quem eleva o pensamento ao ser mais sublime, necessariamente terá em mente uma substância inteligente, de poder infinito, grandeza ilimitada, fora do tempo e dos séculos, em nada ciosa de seus próprios bens. Para ele voltam-se todos os que anseiam pela santificação, para ele se dirigem os anelos dos que vivem segundo a virtude, quantos recebem o refrigério de seu sopro, e são amparados para alcançar o fim adequado a sua natureza. Aperfeiçoa os outros, enquanto ele mesmo de nada carece. Não é um ser vivo que precise se refazer; ao contrário é provedor [...] de vida. Não aumenta progressivamente, mas logo possui a plenitude; é consistente por si mesmo, está em toda parte. Origem da santificação, luz inteligível, concede por si mesmo certa iluminação a toda faculdade racional, a fim de que descubra a verdade. Inacessível por natureza, faz-se, contudo, inteligível, por bondade. Seu poder enche todas as coisas, mas somente se comunica aos que são dignos, não porém, numa só medida, mas opera proporcionalmente à fé. Simples por essência, seu poder, contudo, se manifesta em milagres variados (Hb 2.4). Está presente todo inteiro a cada ser, embora todo inteiro em toda parte. Impassível na partilha, indefectível na comunicação, à semelhança do raio solar, que agracia, como se fosse o único, àquele ao qual está presente, enquanto ilumina a terra, o mar, infiltrando-se também no ar. De igual modo, o Espírito está presente, como se fosse o único, a

cada um dos que são capazes de acolhê-lo; permanece intacto e comunica graça suficiente para todos.¹⁶⁷

Trocando em miúdos, o Espírito Santo é Deus pessoal, da mesma substância do Pai e do Filho, digno de toda adoração. Quando nos referimos à “obra de Deus”, apontamos para o trabalho do Deus Triúno. Deus pode fazer tudo o que quiser, sem ajuda de ninguém. Por outro lado, Deus sempre trabalha em equipe. Cooperação não é apenas uma realidade a ser praticada pelos homens, mas ocorre entre as pessoas divinas, eternamente.

E DAÍ?

Mais interessante do que qualquer pessoa que possamos conhecer. Mais amável e desejável do que tudo. Assim é o Deus Triúno.

ATIVIDADES

1. Marque as referências do Novo Testamento à Trindade:

- (__) Mateus 3.16-17.
- (__) Lucas 4.5.
- (__) Romanos 15.16.

2. Marque a resposta correta:

- (__) Em Oseias 13.4, os apóstolos se referem a Jesus como Deus.
- (__) Nas passagens de João 1.1,4; Hebreus 13.8; Apocalipse 3.7; Colossenses 1.17; Mateus 18.20; 28.20; Filipenses 2.9-10 e Apocalipse 19.11-16, Jesus é revelado com atributos divinos.

3. Marque a resposta correta. As três linhas de evidências da divindade do Espírito Santo no Novo Testamento são as seguintes:

- (__) O Espírito Santo é incluído nas afirmações trinitárias gerais; ele cumpre a promessa de habitação consoladora e santificadora e pecar contra o Espírito Santo é pecar contra Deus, e mentir ao Espírito é mentir a Deus.
- (__) Apesar de não ser incluído nas afirmações trinitárias gerais; o Espírito Santo cumpre a promessa de habitação consoladora e santificadora e pecar contra o Espírito Santo é pecar contra Deus, e mentir ao Espírito é mentir a Deus.
- (__) O Espírito Santo é incluído nas afirmações trinitárias gerais; ele cumpre a promessa de habitação consoladora e santificadora e pecar contra o Espírito Santo é indiferente, pois ele não é Deus.

167 MAGNO, Basílio. “Tratado sobre o Espírito Santo”. In: MAGNO, Basílio. *Homilia sobre Lucas 12; homilias sobre a origem do homem; tratado sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 1999, IX.22, p. 114-115 (Série patrística).

13. Para lembrar do Deus dos pactos

A partir das aulas anteriores, é possível concluir com algumas considerações.

13.1. A Bíblia ensina sobre o Deus diferente

Não há outro Deus. Todas as outras pretensas “divindades” são produto da imaginação humana ou do engano de Satanás. Temos de colocar nossa confiança unicamente no Deus verdadeiro, que se revela nas Escrituras.

O conhecimento de Deus é importante. Ao conhecê-lo tal como ele é mostrado na Bíblia, somos fortalecidos na fé e amadurecemos no conhecimento de nós mesmos. Boa Teologia conduz a autoconhecimento saudável.

Os outros “deuses” são não apenas falsos, mas perigosos, uma vez que embaçam nossa visão e nos afastam da simplicidade e poder do evangelho bíblico. As falsas religiões atraem, de modo que mesmo uma pessoa criada na Igreja Cristã pode se deixar levar por seus ensinamentos e práticas. No mundo inteiro, cresce o número dos que abandonam o Cristianismo e abraçam o Islamismo, o Budismo ou o Hinduísmo e continuam influentes as crenças da Nova Era e o sectarismo das Testemunhas de Jeová. Politeísmo e unitarismo permanecem firmes e fortes. O monismo e o panteísmo são difundidos em cadeiras universitárias e visões de mundo monistas, tais como o materialismo, secularismo e outros “ismos” ideológicos disputam a devoção cristã. Somente a conexão com o Deus único, provida pela graça mediante a fé em Jesus Cristo produz salvação, significado e segurança.

13.2. A Bíblia ensina sobre o Deus Triúno

Deus deve ser conhecido por suas obras e em sua essência e relações entre as pessoas da Trindade. As principais declarações trinitárias, organizadas nos credos, ajudam a sistematizar a doutrina da Trindade.

A revelação de um Deus Único e Trino consta em toda a Bíblia. A Trindade é inicialmente revelada no Antigo Testamento e plenamente no Novo, sendo Pai, Filho e Espírito Santo reconhecidos e cultuados (servidos) como o único Deus.

O Deus Triúno é comprometido com suas alianças. Ele é o Deus dos pactos. Deus opera a fim de assegurar a realização de sua vontade, revelada nos pactos da criação, das obras, da redenção e da graça.

13.3. Vale a pena estudar o Deus dos pactos

Alguns sugerem que a Igreja não precisa investir tempo em estudos sobre o ser de Deus. O que mais importa, como dizem, é compartilhar conteúdos bíblicos relacionados aos temores e sofrimentos cotidianos das pessoas, ou quem sabe,

desenvolver estratégias missionais para alcançar a cidade, ao invés de centrar em raciocínios sobre a essência e as relações da Deidade.

Um salmo que aponta para a doutrina da Trindade nos corrige com um convite: “Contemplai-o e sereis iluminados, e o vosso rosto jamais sofrerá vexame” (Sl 34.5), ou seja, “olhem para Deus, elevem seus pensamentos para ele e ele cuidará de vocês” (cf. Sl 37.5; Mt 6.33).

O propósito de Deus é que seus eleitos de todas as nações sejam alcançados pelo ensino sobre ele, e que os discípulos sejam batizados em nome da Trindade. A salvação que transforma indivíduos e cidades advém da eleição do Pai, da redenção realizada pelo Filho e da aplicação desta obra nos corações, pelo Espírito Santo. A comunhão com ele é cultivada em oração ao Pai, em nome de Cristo, no poder do Espírito. E toda relação humana e serviço, devem ocorrer segundo o modelo trinitário: unidade na diversidade e cooperação em amor.

Uma vez que isso é assim, amemos e sirvamos alegremente ao Deus Único e Trino. Assumamos como prioridade conhecê-lo mais. E façamos isso cuidando para que nossa fé seja firmada unicamente na Bíblia, rejeitando todas as falsas concepções de Divindade e realidade.

Conheçamos e prossigamos em **conhecer ao** SENHOR; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra (Os 6.3).

Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá **além** do que vos temos pregado, seja **anátema** (Gl 1.8).

Tenhamos cuidado com qualquer proposta de religião que advoga crescimento rápido, enquanto descuida do conhecimento bíblico de Deus.

Oramos para que sua vida seja abençoada com a aplicação de tudo o que você estudou. Que outras pessoas sejam alcançadas pelo poder do Deus Trino, agindo através de você.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins*. 2ª ed. atualizada e revista. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- BAKER, David W.; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. *Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2001 (Série cultura bíblica).
- BALDWIN, J. G. *Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário*. reimp. 2008. São Paulo: Vida Nova, 1982 (Série cultura bíblica).
- BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada: prolegômena*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, v. 1.
----- *Dogmática reformada: Deus e a criação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, v. 2.
- BEEKE, Joel R.; SMALLEY, Paul M. *Teologia sistemática reformada, volume 1*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 4ª ed. reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA*. 2ª ed. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BÍBLIA DE ESTUDO HERANÇA REFORMADA*. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOCK, Darrell L.; GLASER, Mitch. (Org.). *O servo sofredor: a interpretação de Isaías 53 nas teologias judaica e cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
----- (Org.). *O Messias na Páscoa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2020.
- BOWMAN JR., Robert M. *Por que devo crer na Trindade: uma resposta às testemunhas de Jeová*. São Paulo: Candeia, 1996.
- CALVINO, João. *As institutas: edição clássica*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2022, v. 1.
----- *Commentaries on the twelve minor prophets*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010, v. 3.
----- *Commentary on the first book of Moses called Genesis*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010, v. 1.
----- *Salmos*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013, v. 2 (Série comentários bíblicos). Edição do Kindle.
- CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. (Org.). *Comentário bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- DAVIDSON, F. (Org.). *O novo comentário da Bíblia*. reimp. 1985. São Paulo: Vida Nova, 1963, v. 1.
- ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988, v. 1.
----- *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1984, v. 2.
----- *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1984, v. 3.
- ERICKSON, Millard J. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- FERGUSON, Sinclair B. (Org.). *Novo dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- FERGUSON, Sinclair B. *O Espírito Santo*. São Paulo: Os Puritanos, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico 7.0*. Curitiba: Editora Positivo, 2009. CD-ROM.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

- GONZÁLEZ, Justo L. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- _____. *Uma história do pensamento cristão: dos primórdios ao concílio de Calcedônia*. 2ª ed. revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, v. 1.
- GREEN, Michael; MCGRATH, Alister. (Org.). *Manual do semeador*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- GRUDEM, Wayne. *Manual de doutrinas cristãs: teologia sistemática ao alcance de todos*. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- HARMAN, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011 (Comentários do Antigo Testamento). Logos Software.
- HENDRIKSEN, William. *Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001 (Comentário do Novo Testamento).
- HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HORTON, Michael. *Doutrinas da fé cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.
- IELB – Igreja Evangélica Luterana no Brasil. *O que cremos: os credos ecumênicos*. Disponível em: <<http://www.ielb.org.br/cremos/credos.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2007.
- IPCBPAULISTA. *A comunhão trinitária e seu relacionamento com a igreja e as demais criaturas*. Disponível em: <<http://ipcbpaulista.blogspot.com/2010/05/comunhao-trinitaria-e-seu.html>>. Acesso em: 29 abr. 2022.
- KIDNER, Derek. *Salmos 1–72: introdução e comentário*. reimp. 2008. São Paulo: Vida Nova, 1980 (Série cultura bíblica).
- LAIRD HARRIS, R.; ARCHER, JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- LARA, José J. F. *Filosofia da educação*. Disponível em: <<http://educalara.vilabol.uol.com.br/meninaslobo.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2007.
- MAGNO, Basílio. *Homilia sobre Lucas 12; homilias sobre a origem do homem; tratado sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 1999 (Série patrística).
- MARRA, Cláudio. (Org.). *Novo cântico*. 16ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- McGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- _____. *Uma introdução à espiritualidade cristã*. São Paulo: Vida, 2008.
- _____. *Creio: um estudo sobre as verdades essenciais da fé cristã no Credo apostólico*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
- NASCIMENTO, Misael Batista; PORTO, Ivonete Silva. *A doutrina da salvação: criação e queda*. São José do Rio Preto: IPB Rio Preto, 2023. Disponível em: <<https://www.ipbriopreto.org.br/courses/criacao-e-queda/>>.
- OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.
- _____. *História das controvérsias na teologia cristã: 2000 anos de unidade e diversidade*. São Paulo: Vida, 2004.
- OSWALT, John N. *Isaiás*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 1 (Comentário do Antigo Testamento).
- _____. *Isaiás*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 2 (Comentário do Antigo Testamento).
- PACKER, J. I. *Teologia concisa: um guia de estudo das doutrinas cristãs históricas*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- PHILLIPS, Richard D. *Estudos bíblicos expositivos em Jonas e Miqueias*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- RIDDERBOS, J. *Isaiás: introdução e comentário*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995 (Série cultura bíblica).
- ROBERTSON, Palmer. *A estrutura e teologia dos salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

Δ Referências bibliográficas

- ROSENTHAL, Stanley. *A tri-unidade de Deus no Velho Testamento*. São Paulo: Fiel, [199-?].
- SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas II*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 1254 (Grande comentário bíblico).
- SCHWARZ, Christian A. *Nós diante da Trindade: o poder libertador da fé no Deus Triúno*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999.
- SIRE, James W. *O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*. 5ª ed. expandida e revisada. Brasília: Editora Monergismo, 2018. Edição do Kindle.
- STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003, v. 1.
- THE WALKING DEAD*. Produção de Scott M. Gimple; Robert Kirkman; Gale Anne Hurd; David Alpert; Tom Luse; Greg Nicotero. Local: Estados Unidos, 2015-2016, quinta e sexta temporadas.
- THOMPSON, John L. (Org.). *Comentário bíblico da Reforma: Gênesis 1—11*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- TURRETINI, François. *Compêndio de teologia apologética*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 1.
- VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, v. 2.
- VANDERBOS, Gary R. (Org.). *Dicionário de psicologia da American Psychological Association (APA)*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- VANGEMEREN, Willem A. (Org.). *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 2.
- . *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 3.
- . *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 4.
- WALTKE, Bruce K. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010 (Comentários do Antigo Testamento). *Wikipédia*. “Credo niceno”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Credo_Niceno>. Acesso em: 05 mai 2022.
- YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. (Org.). *Dicionário ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004.